



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

KATIÚCE MIRANDA SANTOS

**O USO DO GÊNERO TIRINHAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO
METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ARAGUAÍNA / TO

2021

KATIÚCE MIRANDA SANTOS

O USO DO GÊNERO TIRINHAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO
METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína para obtenção do título de graduação, sob orientação do professor Dr. Carlos Borges da Silva Júnior.

ARAGUAÍNA / TO

2021

KATIÚCE MIRANDA SANTOS

O USO DO GÊNERO TIRINHAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO
METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína, Curso de Letras para
obtenção do título de graduação e aprovada em sua
forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação: ____/____/ 2021

Banca examinadora:

Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior Orientador (UFT)

Prof.(a) Dr^a Ana Claudia Castiglioni Examinador (UFT)

Prof.(a) Dr^a Andrea Martins Lameirão Mateus Examinador (UFT)

Prof.(a) Dr^a Vilma Nunes da Silva Fonseca Examinador (UFT)

Araguaína, 2021

Dedico esse trabalho, ao meu querido pai, Gilberto Regos dos Santos (*in memoriam*) que mesmo com pouco estudo e com a vida difícil da árdua jornada de trabalho como pescador, nunca deixou de acreditar que esse momento seria possível. Dedico também a minha mãe, Maria da paz, pela bravura e pensamento positivo, pela força e incentivo que sempre depositou em mim.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho produziu total satisfação em mim, uma vez que foram vários dias de dedicação e de muita aprendizagem. Este momento não seria tão satisfatório sem a contribuição das pessoas que amo, como minha família e meus amigos. Agradeço a Deus por toda a força que me deu para a construção desta pesquisa, mesmo que em tempos de incertezas e dificuldades nas quais passamos por tanta da Covid -19. Agradeço em especial ao meu querido e amável orientador, por toda paciência, dedicação e zelo que teve do início ao fim desse trabalho. Por se dispor em orientar aos finais de semana, pelas palavras amigas em momentos, nos quais achei que não ia conseguir concluir este trabalho, enfim, por sua força e positividade, por ser esse professor que sempre dá o seu melhor, que ama o que faz que nos inspira, e, sobretudo, por poder compartilhar comigo, seu vasto conhecimento.

RESUMO

Este trabalho analisa o gênero tiras em quadrinhos, publicados no Jornal do Tocantins, com o objetivo de construir uma proposta pedagógica para o ensino de língua portuguesa para turmas do ensino fundamental. A proposta é de cunho bibliográfico e tem como base teórica os estudos teóricos Bakhtin (1997) e Mascuschi (2011) sobre os gêneros do discurso, enquanto práticas sociais de estudo da linguagem. A abordagem também se sustenta nos apontamentos de Will Eisner (1989) sobre a forma constitucional dos quadrinhos. Para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionou-se 52 histórias em quadrinhos pela periodicidade de trinta dias de circulação, compondo o material empírico a ser utilizado para análise e produção da proposta pedagógica de ensino de língua portuguesa, e esta, por sua vez, segue os fundamentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerando os eixos de leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica.

Palavras-chave: histórias em quadrinhos. Ensino. Língua portuguesa. Proposta metodológica

ABSTRACT

This work analyzes the comic strip genre, published in the *Jornal do Tocantins*, with the objective of building a pedagogical proposal for the teaching of Portuguese language for elementary school classes. The proposal is of a bibliographic nature and was based on theoretical studies Bakhtin (1997) and Mascuschi (2011) on discourse genres, while social practices of language study. The approach is also supported by Will Eisner's (1989) notes on the constitutional form of comics. For the development of this research, 52 comic strips were selected for the period of thirty days of circulation, composing the empirical material a being used for analysis and the pedagogical proposal of teaching Portuguese language, and this, in turn, follows the fundamentals of the National Common Curricular Base (BNCC), considering the axes of reading, orality, textual production and linguistic / semiotic analysis.

Keywords: comics. Teaching. Portuguese language. Methodological proposal

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- História em quadrinho n°1	46
Figura 2- História em quadrinho n°2.....	46
Figura 3- História em quadrinho n°3	47
Figura 4- História em quadrinho n°4.....	47
Figura 5- História em quadrinho n°5	48
Figura 6- História em quadrinho n°6.....	48
Figura 7- História em quadrinho n°7	49
Figura 8- História em quadrinho n°8.....	49
Figura 9- História em quadrinho n°9	50
Figura 10- História em quadrinho n°10.....	50
Figura 11- História em quadrinho n°11	51
Figura 12- História em quadrinho n°12.....	51
Figura 13- História em quadrinho n°13	52
Figura 14- História em quadrinho n°14.....	52
Figura 15- História em quadrinho n°15	53
Figura 16- História em quadrinho n°16.....	53
Figura 17- História em quadrinho n°17	54
Figura 18- História em quadrinho n°18.....	54
Figura 19- História em quadrinho n°19	55
Figura 20- História em quadrinho n°20.....	55
Figura 21- História em quadrinho n°21	56
Figura 22- História em quadrinho n°22.....	56
Figura 23- História em quadrinho n°23	57
Figura 24- História em quadrinho n°24.....	57
Figura 25- História em quadrinho n°25	58
Figura 26- História em quadrinho n°26.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Periodicidade do Jornal do Tocantins	42
Quadro 2- Autores, Personagens e Obras	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HQ História em Quadrinho

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	15
2.1	A origem das histórias em quadrinhos	17
2.2	Popularização e estigmatização do gênero histórias em quadrinhos.....	19
3	TIRAS EM QUADRINHOS: DA SUPERAÇÃO DE UM GÊNERO ESTIGMATIZADO À INCLUSÃO PEDAGÓGICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	24
4	ASPECTOS CONTITUTIVOS DO GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS	
5	O JORNAL E A METODOLOGIA DE PESQUISA	36
5.1	A arquitetura da metodologia	43
5.1.1	Descrição dos quadrinhos	43
6	PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	60
6.1	Eixo leitura e Oralidade	60
6.1.1	Proposta de leitura e oralidade	63
6.1.2	Eixo de produção textual	65
6.1.3	Proposta de produção textual	67
6.1.4	Eixo análise linguística	70
6.1.5	Proposta de análise linguística.....	71
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

REFERÊNCIAS	76
ANEXOS	81

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado: O uso do gênero História em quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de língua portuguesa tem por objetivo analisar o gênero histórias em quadrinhos, publicados na última versão impressa do *Jornal do Tocantins*, construindo uma proposta pedagógica de ensino para o contexto da educação básica, ensino fundamental, anos iniciais. O intuito é auxiliar nos trabalhos pedagógicos em torno do gênero HQs, especificamente no que se refere ao ensino de língua portuguesa na sala de aula. A principal motivação para realização dessa pesquisa surgiu a partir do Estágio Supervisionado de língua portuguesa IV, ocasião em que pude acompanhar de perto os trabalhos com os diversos gêneros discursivos, dentre eles as histórias em quadrinhos.

Segundo Pimenta; Lima (2008) o estágio Supervisionado Curricular é entendido como um processo que oportuniza ao estagiário a vivência com seu futuro campo profissional, sendo essa vivência um dos fatores essenciais para que o aluno-estagiário desenvolva suas habilidades prático-pedagógicas e, neste contexto passa assumir um papel primordial para sua formação inicial, não somente de absorção de conteúdos na faculdade, mas também de poder transmitir esses saberes, que são constituídos ao longo da vida acadêmica.

O estágio foi à abertura para a inquietação dessa pesquisa. Sendo o gênero HQ é um gênero bastante conhecido por sua estrutura verbo-visual, assim como as charges, cartum diferencia-se dos demais por representar fatos universais do cotidiano, principalmente quando publicadas em jornais. Assim, é entendido como um gênero cômico que, por meio do humor, leva o leitor a refletir sobre assuntos gerais.

Então, partindo da hipótese de que a maioria dos professores de língua portuguesa ainda encontram dificuldades em trabalhar o gênero história quadrinhos em sala de aula, pensou-se em se realizar um estudo para refletir sobre o trabalho com o gênero na sala de aula. Muitos pensam que se trata apenas de trabalhar somente a linguagem verbal, enquanto a não-visual é esquecida. Todavia, é relevante ressaltar que o uso de ambas é essencial para formação de sentido e, para tanto, é necessário valer-se de fundamentos teóricos que auxiliem os docentes à compreensão dos processos diversos que são mobilizados para a produção de efeitos de sentido com essas histórias sequenciadas.

Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir para o trabalho de leitura e oralidade, produção textual e análise linguística com gêneros HQs nas aulas de língua portuguesa na educação básica. Para isso, será analisada a coletânea de histórias em quadrinhos publicada no último mês de impressão do *Jornal do Tocantins*.

Como fundamentação teórica, mobilizamos os estudos teóricos de Bakhtin (1997) Marcuschi (2011) aliado aos trabalhos de Geraldi (1946) e seus apontamentos sobre o texto na sala de aula. Will Eisner (1989) e Vergueiro (2007; 2011) com enfoque aos estudos das HQs e suas ramificações enquanto gênero discursivo midiático. Como as propostas serão diretamente ligadas ao ensino de língua portuguesa e, conseqüentemente, ao campo educacional, levar-se-ão em conta os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998; 2000) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

O trabalho discute os elementos constitutivos dos gêneros do discurso: a unidade temática, forma composicional e estilo com base nas histórias em quadrinhos publicadas no Jornal do Tocantins. Logo após a parte teórica, procede-se com a elaboração de uma proposta de trabalho em que pudesse explorar a leitura, a produção textual e a análise linguística na sala de aula. A partir disso, pretendemos contribuir para apontar possibilidades que visem à formação de um leitor crítico, privilegiando a produção de sentido a partir do conhecimento das operações discursivas mobilizadas pelo gênero.

O trabalho foi organizado em cinco capítulos. No primeiro, discorremos sobre a historicidade das HQs, o surgimento, a popularização e a estigmatização do gênero; no segundo, discorremos sobre a consolidação do gênero, enquanto ferramenta pedagógica para o ensino e a aprendizagem em sala de aula; no terceiro, discorremos sobre a constituição forma constitucional do gênero, dessa forma, apresentaremos ao leitor, como o gênero se organiza, enquanto, unidade temática, forma composicional e estilo; na quarta parte apresentaremos os aspectos metodológicos em torno da pesquisa. Nesse sentido, faremos a descrição metodológica e levantamentos dos dados e seleção do corpus, isto é, a coletânea de HQs, que fazem parte desse trabalho. Por fim, na última parte, apresenta-se as propostas em torno dos eixos de leitura e oralidade, produção textual e análise linguística.

2. O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O homem primitivo transformou a parede das cavernas em um grande mural em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos: o relato de uma caçada bem-sucedida, a informação da existência de animais selvagens em uma região específica, a indicação de seu paradeiro etc (VERGUEIRO, 2005, p.8).

As pinturas rupestres nas paredes das cavernas podem ser consideradas as primeiras imagens sequenciadas dos acontecimentos da história da humanidade. A imagem, portanto, detém um papel importante como meio de comunicação utilizada pelo homem. O homem primitivo registrava imagens nas paredes, em pedras, nas cavernas e essas imagens ilustravam os acontecimentos do seu cotidiano. Tais informações alcançaram muitas gerações ao longo do tempo.

Pode-se dizer que as histórias em quadrinhos vão ao encontro das necessidades do ser humano, na medida em que utilizam fartamente um elemento de comunicação que esteve presente na história da humanidade desde os primórdios: a imagem gráfica (VERGUEIRO, 2005, p. 8).

O gênero histórias em quadrinhos, doravante HQs, também conhecido como Arte Sequencial é um meio de comunicação de massa com grande aceitação popular, e faz parte do cotidiano de um público diversificado de leitores no mundo inteiro, uma vez que o gênero articula dois dispositivos essenciais: a linguagem verbal e visual. Isso significa que as interpretações por parte do leitor demandam que os elementos não devam ser analisados independentemente: o sentido se produz por efeito da relação estabelecida entre as linguagens.

Will Eisner diz que as histórias em quadrinhos se referem a “uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagem e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia” (1989, p.5). Por estabelecer a relação entre palavra e imagem gráfica, os quadrinhos têm a capacidade de criticar, entreter, informar e ilustrar fatos do cotidiano das pessoas, produzindo diversos efeitos, tais como, humor, suspense, despertando a curiosidade, e desenvolvendo o gosto pela leitura. Por isso, esse gênero ganha cada dia mais a aceitação dos leitores e do mercado de publicações.

É notório que o universo das histórias em quadrinhos desperta atenção. Elas influenciam no entretenimento, devido ao mercado cultural impresso e digital, reverberando inclusive no setor educacional e industrial de produção de livros didáticos e outros materiais pedagógicos. Os quadrinhos mobilizam diversas habilidades do leitor em relação à produção de sentidos, integrando a linguagem verbal e visual.

As HQs atingem um público de leitores diversos, suas narrativas enfatizam temáticas distintas, que vão da comédia ao terror, do suspense à ação; do super-homem ao vilão, da fantasia à realidade, do bom senso à crítica - sempre com uma abordagem didática e descontraída, estabelecendo elementos extratextuais e contextuais, capazes de prender a atenção do leitor em suas narrativas. Vergueiro destaca que:

[...] as histórias em quadrinhos, além de serem um dos primeiros veículos a caminhar para a padronização de conteúdos, também incorporam a globalização econômica em seus processos de produção, garantindo, dessa forma, a sobrevivência em um mercado cada vez mais competitivo (VERGUEIRO, 2004, p.7).

Esse gênero exerce forte influência em grupos de várias faixas etárias. Seus temas refletem questões atuais como, política, educação, meio ambiente, problemas sociais, entre outros. Todos esses temas são abordados de forma descontraída, utilizando recursos verbais e visuais, o que possibilita ao leitor uma melhor interpretação das narrativas.

A escala de produção das HQs investe em variedades e isso possibilita que novos temas sejam abordados e reelaborados. E esses fatores fazem com que o mercado produtivo das HQs alcance milhões de exemplares publicados e consumidos por milhares de pessoas no mundo inteiro, aspecto que dá ao gênero mais relevância e destaque no cenário mundial (VERGUEIRO, 2004).

“Hoje as histórias em quadrinhos são valorizadas como gênero literário que conjuga imagem e palavra, símbolos e signos. Sua linguagem se insere nos campos da cultura e da arte” (MENDONÇA, 2011, p. 4). Nesse sentido, é objetivo deste capítulo mostrar de que forma ocorreu o processo de construção e aceitação das histórias em quadrinhos enquanto gênero, sua historicidade, a crescente popularização, suas implicações sociais e culturais, bem como sua inserção dentro do contexto educacional, isto é, a chegada desse gênero na escola, sobretudo da sua inclusão no livro didático como recurso metodológico para o ensino e a aprendizagem do aluno no âmbito escolar.

O leitor será convidado a retroceder no tempo para conhecer esse processo, que não se deu por acaso, visto que há todo um desdobramento cultural e social, para que as HQs adentrassem à escola e se tornassem um recurso para as atividades de ensino e aprendizagem nas diferentes áreas do conhecimento.

2.1 A origem das histórias em quadrinhos

O homem primitivo já usava as imagens sequenciadas, desde a época das cavernas. Já era seu meio de comunicação. No decorrer do tempo, com o advento da escrita, a imagem não perdeu o foco, ela continuou fortemente sendo utilizada pelo homem. Foi o desenvolvimento da indústria tipográfica, no início do século XIX, que favoreceu o cenário para que esse gênero discursivo ganhasse forma e publicidade na sociedade. No início, as primeiras histórias em quadrinhos eram, em sua maioria, voltadas à comicidade (VERGUEIRO 2012).

Vergueiro (2004) e Lovetro (2011) destacam o surgimento da primeira história em quadrinhos: a publicação do romance caricaturado *Les amours mr. vieux-bois*, escrito pelo artista gráfico, professor e escritor suíço Rodolph Toptter, no início do século XIX. Esse romance narra a história de amor de um homem por uma mulher. Ao longo da narrativa, ele precisa vencer vários obstáculos para ficar ao lado da amada.

O romance *Les amours mr. vieux-bois* foi publicado em Genebra, na Suíça, em 1837. Cinco anos depois, foi traduzido para o inglês com o título *The adventure of mr. obaldiah oldbuck*, sendo publicado em Nova York em 1842. Todavia, foi nos Estados Unidos, no final do século XIX que esse gênero ganhou relevante destaque, com a criação do personagem Yellow Kid, do ilustrador norte-americano Richard Felton Outcaul (LOVETRO, 2011).

Yellow Kid era um personagem infantil: um garoto com aparência chinesa, de cabeça raspada, dente e orelha enorme, que usava uma bata amarela. Nela eram inseridas a fala e as expressões do personagem. A história protagonizada por Yellow Kid era inserida no contexto da sociedade Nova Iorque da época. As mazelas eram representadas com aspecto humorístico e crítico. Lovetro destaca que:

Nos EUA, em 1895, era criado o personagem “Yellow Kid”, na verdade uma charge de um garoto de bairro periférico de Nova York, que fazia crítica social. O feito desse personagem, criado por Richard F. Outcault para o Sanday New York Jornal foi à inclusão dos textos para dentro dos quadrinhos. Até então, os textos vinham separados, na parte de baixo dos quadrinhos. As falas do Yellow Kid estavam na bata que ele vestia. Anos mais tarde, essa charge se transformou em quadrinhos. Alguns historiadores americanos logo aclamaram que aí estaria o nascimento das primeiras histórias em quadrinhos (LOVETRO, 2011, p.12).

A história de Yellow Kid é concebida pela classe americana como a primeira HQ. Foi o primeiro personagem ilustrado, com fala e expressões inseridas na capa que o personagem

usava. Ao longo da história era possível verificar o aparecimento de alguns balões projetados, de forma sequenciada, dentro da narrativa.

Inicialmente, os impressos com personagens eram em preto e branco. A publicação e a divulgação aconteciam aos domingos. O personagem Yellow Kid passou a ser uma forma de entretenimento social para a sociedade americana da época. A impressão das histórias passou a ser realizada diariamente no jornal, inclusive o personagem já aparecia colorido. A história de Yellow Kid perpetuou por dois anos no mercado, sendo publicada inicialmente em 1896. A última aparição do personagem ocorreu em 23 de Janeiro de 1898.

No Brasil, o nome que se destacou foi Angelo Agostini, desenhista, artista gráfico e cartunista, fundador do primeiro jornal ilustrado chamado *Diabo Coxo*. Esse jornal usava caricaturas para abordar temas do cotidiano da sociedade paulista nos anos de 1864 a 1865. Após a criação do jornal, Agostini lançou algumas obras, tendo destaque *As aventuras de Nho Quim*, também conhecida como *A impressão de uma viagem à corte*, que conta a história do personagem Zé Caipora, — um caipira que vai morar no Rio de Janeiro e fica deslumbrado com a civilização da época em processo de transição.

A edição de *A impressão de uma viagem à corte* foi publicada na revista *Vida Fluminense* em 30 de Janeiro de 1869, em formato de novela gráfica. No entanto, o marco inicial do gênero histórias em quadrinhos no Brasil deu-se com a publicação da revista *Tico-Tico* em 11 de Outubro de 1905, de autoria do jornalista brasileiro Luís Bartolomeu de Souza e Silva (LOVETRO, 2011).

A revista *Tico-Tico* era uma revista infantil, publicada semanalmente. Tinha vários personagens que se tornaram famosos, como é o caso de Chiquinho, Ratinho Curioso, Zé Macaco e Brocoió. O mais conhecido dentre estes, isto é, o que figurou mais tempo na revista, foi o personagem Zé Macaco. Era um personagem divertido e que, com o passar dos anos, ia envelhecendo ao longo da narrativa, fazendo um paralelo entre ficção e realidade.

Tico-Tico, além de usar a arte de entretenimento, foi a única revista que trazia atividades didático-pedagógicas direcionadas ao público infantil da época. A publicação durou cerca de 57 anos no mercado brasileiro (SANTOS; GANZAROLL, 2011).

2.2 Popularização e estigmatização do gênero histórias em quadrinhos

A popularização do gênero HQ, como vimos, ocorreu nos Estados Unidos. No início do século XIX, as primeiras tiras começaram a surgir nos jornais, mas de forma tímida. Normalmente, os temas estavam relacionados à comédia, com a finalidade de entreter, enfatizando aspectos ligados à religião e aos costumes da sociedade americana.

O avanço da indústria tipográfica no século XX, subsidiada pelos meios de comunicação, favoreceu o surgimento de um novo seguimento em quadrinhos, os denominados *comic book*¹ que, no Brasil, ficou conhecido como *gibis*. A partir da elaboração e publicação dos *comic books*, as temáticas das histórias em quadrinhos começaram a expandir e explorar tramas variadas. Conforme, Vergueiro:

O aparecimento de um novo veículo de disseminação dos quadrinhos, as publicações periódicas conhecidas como *comic book* — no Brasil, *gibis* —, nos quais logo despontaram os super-heróis, de extrema penetração junto aos leitores mais jovens, ampliou consideravelmente o consumo dos quadrinhos, tornando-os cada vez mais populares (VERGUEIRO, 2004, p.11, grifos nossos).

Com o surgimento dos *comic book*, deu-se ênfase aos temas diretamente relacionados à figuração do herói, ação, romance, terror e suspense. Os *comic books* agregavam a perfeita ilustração dos personagens às pessoas e objetos do mundo real. Isso deixava essas histórias ainda mais atrativas.

Nesse mesmo período, os Estados Unidos enfrentavam uma grave crise financeira, um período de fragilidade e incertezas econômicas e sociais. Teve origem, inicialmente, na queda da bolsa de valores, ocorrida em 24 de Outubro de 1929; agravando o contexto econômico com a deflagração da segunda guerra mundial de 1939 a 1945 (RODRIGUES, 2011).

O índice de desemprego crescia rapidamente no país. Grandes empresas declararam falência. Muitas pessoas cometiam suicídios. A população vivia um momento de opressão e censuras. A criminalidade crescia e a falta de medidas governamentais de urgências eram fatos cotidianos. O cenário de colapso vivido pela sociedade americana contribuiu para o nascimento da nova fase das HQs.

¹ *Comic book* era um periódico colorido, rico em detalhes, elaborado e vendido nos Estados Unidos no ano de 1934.

A publicação que inaugura essa fase é simbolizada pelo herói fictício Superman, criado por Joseph Shuster - desenhista, ilustrador e Jerry Siegel — artista, escritor. Superman foi editado pela empresa americana DC Comics e publicado pela revista *Action Comics*, em 1938, nos Estados Unidos (BARBOSA, 2014).

Superman é representado por um super-herói poderoso, que usando todo seu desejo de justiça em prol dos injustiçados, combate o mal, defende os oprimidos, luta pelas causas sociais. Ele é o bem encarnado na figura de um homem, preocupa-se com as pessoas, está disposto a se sacrificar para o bem de todos: “o herói passa a ser caracterizado como uma pessoa comum que decide assumir um papel diferente dentro da sociedade na qual faz parte” (BARBOSA, 2014, p.19).

O personagem passa a ser a representação de um ideal, de esperança em tempos difíceis, um apelo a tudo de nobre, ético e moral que a sociedade precisava aspirar. Após Superman, seguidamente surgem outros personagens importantes, cabendo destaque aqui, a Mulher Maravilha (1942), o Homem Aranha (1962) e o Batman (1939).

Esse período foi considerado a era do ouro dos quadrinhos americanos. A procura crescia rapidamente e o público leitor era, em sua maioria, o infante-juvenil, - ávido por novidades. Milhares de exemplares foram consumidos. E, devido às publicações dos seguimentos de suspense e terror, construiu-se um cenário de desconfianças quanto aos malefícios que a leitura desse gênero poderia causar aos seus leitores.

O final da Segunda Guerra Mundial viu o aparecimento de novos gêneros nas revistas de quadrinhos, destacando-se as histórias de terror e suspense, que enfocavam temáticas de gostos duvidosos e traziam representações extremamente realista. Apesar disso — ou talvez exatamente por isso —, sua popularidade entre os leitores adolescentes continuou a crescer e as tiragens das revistas tornaram-se cada vez mais altas, levando parte da sociedade norte-americana a ficar preocupada com sua enorme influência sobre os leitores infantis. (VERGUEIRO, 2004, p.11).

As revistas de suspense e terror enfatizavam, de forma pejorativa, as mazelas sociais que a sociedade Americana vivia. Roubo, crimes, corrupção e a falta de políticas públicas demandadas pelo governo. Após a publicação e circulação das HQs, foi lançado nos Estados Unidos o livro intitulado *Seduction of the innocent*², de autoria do pesquisador, escritor e também psiquiatra alemão Fredric Wertham. No livro, o psiquiatra utilizou-se do seu

² O livro *Seduction of the innocent* — A sedução dos inocentes é um livro de 397 páginas, de autoria de Fredric Wertham, publicado em 19/04/1954 pela editora Rinehart & Company nos Estados Unidos.

conhecimento psiquiátrico para enumerar os malefícios que a leitura das HQs poderia ocasionar aos jovens. Então,

[...] utilizando-se de exemplos escolhidos a dedo e com rigor científico questionável, o psiquiatra tentava provar como as crianças que recebiam influências dos quadrinhos apresentavam as mais variadas anomalias de comportamento, tornando-se cidadãos desajustados na sociedade (VERGUEIRO, 2004, p.12).

Ele sustentava a ideia de que as histórias em quadrinhos estavam afetando o desenvolvimento psíquico dos jovens e adolescentes, uma vez que a leitura desse gênero influenciava, de forma negativa, o desenvolvimento psicológico do leitor. Ele considerava que as HQs impossibilitava o prazer por uma leitura mais refinada; por isso, o desenvolvimento intelectual, cognitivo e social dessas pessoas na sociedade seriam prejudicados.

Vale ressaltar ainda que pais, educadores, comunidades religiosas e toda a sociedade americana apoiavam a ideia defendida pelo psiquiatra. Passaram a estigmatizar a leitura das histórias em quadrinhos, pelo mesmo motivo defendido por Wertham. De acordo Vergueiro (2004):

Fredric Wetham, [...] encontrou espaço privilegiado para uma campanha de alerta contra os pretensos malefícios que a leitura de história de quadrinhos poderia trazer aos adolescentes norte-americanos. Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, o dr. Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas, participar de programa de rádio e tevê, nos quais sempre **salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura** (VERGUEIRO, 2004, p.12, grifos nossos).

Após todos esses acontecimentos, os exemplares das histórias em quadrinhos passaram a circular de forma controlada, sendo objeto de inúmeras investigações e restrições. Nos Estados Unidos a fiscalização era feita de forma severa. As edições das histórias em quadrinhos deveriam obedecer legalmente ao código *Comic Code Authority*³. O código era estabelecido pela classe dominante. Após a aprovação do documento, as HQs recebiam um selo de certificação, e somente depois de uma avaliação prévia com aprovação era autorizada a circulação da revista no mercado.

³ *Comic Code Authority* foi o código de fiscalização criado pela classe **dominante** americana como uma forma de autocensurar o conteúdo das histórias em quadrinhos.

O objetivo do código era atestar que o conteúdo enfatizado nas narrativas dos quadrinhos era legítimo e iria contribuir, de forma significativa, para o público infantil e juvenil, favorecendo a moral e os bons costumes da sociedade.

No Brasil, as HQs receberam a mesma fiscalização, chegando a ser implantado um código Brasileiro, com exigências similares ao código americano. As editoras deveriam se submeter às normas estabelecidas nesse código, para a publicação de exemplares. Depois de aprovadas, elas recebiam um selo. Segue abaixo o código de ética dos quadrinhos Brasileiro, que foi resumido em seus aspectos mais relevantes.

- 1 • As histórias em quadrinhos devem ser instrumentos de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais.
- 2 • Não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis.
- 3 • É necessário o maior cuidado para evitar que as histórias em quadrinhos, descumprindo sua missão, influenciem perniciosamente a juventude ou deem motivo a exageros da imaginação da infância e da juventude.
- 4 • As histórias em quadrinhos devem exaltar, sempre que possível, o papel dos pais e dos professores, jamais permitindo qualquer apresentação ridícula ou desprimorosa de uns ou de outros.
- 5 • Não é permissível o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça.
- 6 • Os princípios democráticos e as autoridades constituídas devem ser prestigiados, jamais sendo apresentados de maneira simpática ou lisonjeira os tiranos e inimigos do regime e da liberdade.
- 7 • A família não deve ser exposta a qualquer tratamento desrespeitoso, nem o divórcio apresentado como sendo uma solução para as dificuldades conjugais.
- 8 • Relações sexuais, cenas de amor excessivamente realistas, anormalidades sexuais, sedução e violência carnal não podem ser apresentadas nem sequer sugeridas.
- 9 • São proibidas pragas, obscenidades, pornografias, vulgaridades ou palavras e símbolos que adquiram sentido dúbio e inconfessável.
- 10 • A gíria e as frases de uso popular devem ser usadas com moderação, preferindo-se sempre que possível a boa linguagem.
- 11 • São inaceitáveis as ilustrações provocantes, entendendo-se como tais as que apresentam a nudez, as que exibem indecente ou desnecessariamente as partes íntimas ou as que retratam poses provocantes.
- 12 • A menção dos defeitos físicos e das deformidades deverá ser evitada.
- 13 • Em hipótese alguma, na capa ou no texto, devem ser exploradas histórias de terror, pavor, horror, aventuras sinistras, com as suas cenas horripilantes, depravação, sofrimentos físicos, excessiva violência, sadismo ou masoquismo.
- 14 • As forças da lei e da justiça devem sempre triunfar sobre as do crime e da perversidade. O crime só poderá ser tratado quando for apresentado como atividade sórdida e indigna, e os criminosos, sempre punidos pelos seus erros. Os criminosos não podem ser apresentados como tipos fascinantes ou simpáticos, e muito menos pode ser emprestado qualquer heroísmo às suas ações.

15 • As revistas infantis e juvenis só poderão instruir concursos premiando os leitores por seus méritos. Também não deverão as empresas sectárias deste Código editar, para efeito de venda nas bancas, as chamadas figurinhas, objeto de um comércio nocivo à infância.

16 • Serão proibidos todos os elementos e técnicas não especificamente mencionados aqui, mas contrários ao espírito e à intenção deste Código de Ética, e que são considerados violações do bom gosto e da decência.

17 • Todas as normas aqui fixadas se impõem não apenas ao texto e aos desenhos das revistas em quadrinhos, mas também às capas das revistas.

18 • As revistas infantis e juvenis que forem feitas de acordo com este Código de Ética levarão na Capa, em lugar bem visível, um selo indicativo de sua adesão a estes princípios (NUNES, 2010).

Posteriormente à implantação do código de ética dos quadrinhos, a indústria tipográfica brasileira e a produção artística das HQs passam a produzir e publicar de forma restrita, porque deveriam ter como referência as normas impostas pelo código, tanto no que diz respeito às temáticas abordadas, quanto às imagens que eram impressas nas revistas.

De acordo com Vergueiro (2004, p.16) “[...] a leitura de histórias em quadrinhos passou a ser estigmatizada pelas camadas ditas ‘pensantes’ da sociedade” brasileira. Dessa forma, em consonância com Vergueiro, após todos os trâmites para que se fizesse e se publicasse o gênero histórias em quadrinhos *adequados* aos padrões e regras estipuladas pela classe dominante da época, o gênero tornou-se pouco atrativo ao público leitor. Suas narrativas não despertavam tanto gosto pela leitura, entretenimento, curiosidade, o que acabou por suprimir boa parte das publicações das histórias em quadrinhos no Brasil. Isso não foi o suficiente para sufocar o gênero, tampouco para que ele desaparecesse do contexto social, como será possível ver no próximo capítulo.

3. TIRAS EM QUADRINHOS: DA SUPERAÇÃO DE UM GÊNERO ESTIGMATIZADO À INCLUSÃO PEDAGÓGICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Com o passar do tempo e significativos avanços do cinema, rádio e televisão, paulatinamente, as HQs comeram a superar as censuras infundadas e sem comprovações impostas a elas. O gênero HQ passou a ser visto como meio de comunicação de forte influência na sociedade. Acerca disso, Vergueiro destaca que:

O desenvolvimento das ciências de comunicação e dos estudos culturais, principalmente nas últimas décadas do século XX, fez com que os meios de comunicação passassem a ser encarados de maneira menos apocalíptica. Procurando-se analisá-los em sua especialidade e compreender melhor seu impacto na sociedade. Isso ocorreu com todos os meios de comunicação, como o cinema, o rádio, a televisão, os jornais etc. Inevitavelmente, também as histórias em quadrinhos passaram a ter um novo *status*, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias (VERGUEIRO, 2004, p. 15-16).

Nas últimas décadas do século XX, as HQs foi redimensionada pelo mercado quadrinhista e este, impulsionado por um público não somente infanto-juvenil, passou a produzir e publicar em grande escala. As HQs se tornaram uma forma de produção artística, a qual se agregou valores culturais, sociais e morais, entre outros. Esses fatores contribuíram para colocar o gênero em evidência ponto de ser considerada uma ferramenta pedagógica. De forma lenta, as histórias em quadrinhos iam caminhando para o campo educacional.

No ano de 1970, já era possível encontrar os quadrinhos nos livros didáticos brasileiros, porém de forma simplificada, servindo basicamente como um eixo introdutório para abordagem de um tema, ou capítulo específico no livro (VERGUEIRO; SANTOS, 2012). Foi com a promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB, em 1996, que o gênero teve considerável importância como ferramenta pedagógica no âmbito escolar. Vergueiro e Santos consideram que:

A data de 1996 é um marco importante para a trajetória de aceitação das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica no Brasil. Nesse ano ocorreu a promulgação da lei de Lei de Diretrizes e Base da Educação nacional (LDB) que, de certa forma, propunha um pacto entre este produto midiático e a educação formal (VERGUEIRO; SANTOS, 2012, p. 82).

A LDB ressalta a importância de um trabalho pedagógico e metodológico que explorasse as múltiplas linguagens dos gêneros discursivos na sala de aula. Em vista disso, o gênero HQ teve respaldo significativo nas práticas de ensino e aprendizagem, uma vez que constroem relação de sentidos múltiplos e interdisciplinares fundamentais para o trabalho do professor em sala de aula, propiciando aos alunos o contato com uma leitura rica na arte de criar caminhos para um aprendizado significativo e diverso.

Outro fator que contribuiu para a expansão do gênero discursivo nos livros didáticos foi o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), criado em 1997, pelo Ministério da Educação (MEC), e que consiste, basicamente, na compra e na distribuição de livro didático de diversos gêneros. Essa distribuição era feita para alunos e professores da rede pública. O PNBE promove a inserção da leitura nas escolas públicas Brasileiras por meio do livro e é direcionado ao ensino fundamental e médio (BRASIL, 2017). Devido ao programa, alunos e docentes têm uma maior aproximação com os diversos gêneros discursivos, entre eles o de histórias em quadrinhos, podendo, por conseguinte, desenvolver o gosto pela leitura.

Com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs (1997) do ensino fundamental, consolidou-se os trabalhos com os gêneros discursivos como eixo de articulação para as atividades de linguagem na sala de aula, evidenciando, portanto, uma prática educativa para a construção do conhecimento no âmbito escolar. Considere-se uma passagem dos PCN que embasa esses apontamentos:

[...] sob o título “Gêneros discursivos”, em coerência com o princípio didático que prevê a organização das situações de aprendizagem a partir da diversidade textual, estão especificados gêneros adequados para o trabalho com a linguagem oral e escrita. [...] quadrinhos, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos, notícias, classificados, etc (BRASIL, 1997, p. 72).

A partir da implantação dos PCNs, o gênero HQ passou a ser inserido no livro didático como uma prática pedagógica, uma vez que compreendeu-se que tal gênero articula diferentes tipos de linguagens. Além disso, as HQs registram críticas sociais e podem proporcionar aos alunos da educação básica uma visão de mundo aprofundada dos problemas sociais.

O gênero midiático nos livros didáticos de Língua Portuguesa permite ao docente um trabalho pedagógico, no qual, por meio das operações discursivas mobilizadas nas histórias em quadrinhos, o docente consegue explorar os quatro eixos temáticos exigidos nos documentos oficiais. A saber: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística.

A inclusão do gênero HQ como ferramenta pedagógica em sala de aula, também é discutido nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000). Este, por sua vez, depreende o trabalho desse gênero discursivo nas aulas de língua portuguesa, porque mobiliza a competência do leitor para a produção de sentidos a partir da linguagem verbal e visual estabelecidas em suas narrativas.

Toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para firmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, às relações de autoridade, o dialogismo entre textos e o diálogo fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal [e nos quadrinhos isso tudo acontece] (BRASIL, 2000, p. 21, grifos nossos).

Os Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio (2000) ressaltam a importância da abordagem dos gêneros discursivos no que se refere ao ensino de língua materna, uma vez que os estudos dos gêneros possibilitam ao aluno a capacidade de que além de compreender um texto, também saibam ter um olhar crítico acerca das práticas discursivas que os gêneros realizam. Em paralelo aos Parâmetros Curriculares Nacionais, no ano de 2009, foi criado pelo deputado federal Vicentinho (PT/SP) o projeto de lei PL 6060/2009 ⁴, com objetivo de incentivar a produção, distribuição e publicação de histórias em quadrinhos brasileiras. O projeto destaca que:

Art. 1º Esta Lei estabelece incentivo para a produção e distribuição de histórias em quadrinhos de origem nacional no mercado editorial brasileiro. Art. 2º As editoras deverão publicar um percentual mínimo de 20 por cento de histórias em quadrinhos de origem nacional, considerando-se o conjunto das publicações do gênero produzidas a cada ano, na forma da regulamentação. § 1º Considera-se história em quadrinhos de origem nacional aquela criada por artista brasileiro ou por estrangeiro radicado no Brasil e que tenha sido publicada por empresa sediada no Brasil. §2º O percentual de títulos estipulado no “caput” deste artigo será atingido da seguinte forma: cinco (5) por cento no primeiro ano de vigência desta lei; dez (10) por cento no segundo ano; quinze (15) por cento no terceiro ano, atingindo-se a cota de 20 por cento no ano subsequente. Art. 3º As empresas distribuidoras deverão ter um percentual mínimo de 20 por cento de obras brasileiras em quadrinhos entre seus títulos do gênero, obrigando se a lançá-los comercialmente. §1º O percentual de títulos e lançamentos a que se refere este artigo será implementado na forma prevista no § 2º do artigo anterior. Art. 4º Em se tratando de veículos impressos de circulação diária, semanal ou mensal, deverá ser observada a relação de uma tira nacional para cada tira estrangeira publicada. Art. 5º O Poder Público, por meio do órgão competente, implementará medidas de apoio e incentivo à produção de histórias em

⁵ Projeto de lei 6060/2009 de autoria do deputado Federal Vicentinho (PT/SP). Projeto se encontra no Congresso Nacional em tramitação e sem aprovação. Texto poderá ser consultado nos anexos desse trabalho.

quadrinhos nacionais, tais como, estimular a leitura em sala de aula, promover eventos e encontros de difusão do mercado editorial de histórias com quadros em seqüência voltadas para o público infante - juvenil e a inserção de disciplinas práticas, tais como roteiro e desenho, no currículo das escolas e universidades públicas. Ar. 6º Os bancos e as agências de fomento federais estabelecerão programa específicos para apoio e financiamento à produção de publicações em quadrinhos de origem nacional, por empresa brasileira, na forma da regulamentação. §1º Na seleção dos projetos, será dada preferência àqueles de temática relacionada com a cultura brasileira. § 2º Os projetos financiados com recursos públicos deverão destinar percentual de, no mínimo, 10% da tiragem das publicações em quadrinhos para distribuição em bibliotecas públicas, na forma da regulamentação. Art. 7º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação (CONGRESSO NACIONAL, 2009).

O projeto prevê a isenção do imposto de renda aos escritores brasileiros, ou seja, cerca de 50% de isenção para os escritores que publique o percentual de 35% de exemplares com HQs nacionais e 25% de isenção para aqueles que não atinjam esse percentual. Tal projeto contribui significativamente ao fomentar a criação artística Brasileira, reverberando, dessa forma na cultura, economia, educação e entretenimento do país.

Logo após o projeto de lei, foi elaborada e aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a educação básica Brasileira. A BNCC se consolidou como documento aprovado pelo Ministério da Educação (MEC), com a finalidade de orientar e organizar os currículos escolares em âmbito nacional: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A BNCC:

é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação (BRASIL, 2018, p. 7).

A Base Nacional Comum Curricular é resultado de um trabalho democrático com a participação de educadores de diversas áreas do conhecimento. Uma das habilidades enfatizadas na BNCC, no que tange ao ensino de língua portuguesa na escola é o trabalho com

os diversos gêneros do discurso. Essa concepção corrobora para que as histórias em quadrinhos sejam ainda mais valorizadas como ferramenta pedagógica para o ensino e a aprendizagem do aluno na sala de aula.

No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências (BRASIL, 2018, p.136).

Conforme a citação é primordial que os alunos tenham contato e conheçam os gêneros nas diferentes esferas da comunicação. Essa relação com os diferentes gêneros contribui para a formação de leitores, ampliando os diversos saberes dos estudantes.

A autonomia dos alunos é um dos pilares a serem consolidados e construídos nas discussões em sala de aula. “É importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação” (BRASIL, 2018, p.60). Essa autonomia parte de vários contextos, entre eles o contato com os gêneros dos discursos.

Os gêneros dos discursos se realizam nas práticas sociais dos sujeitos. Essas práticas são desenvolvidas nos ciclos comunicativos da atividade humana. Consoante ao círculo de Bakhtin, existem duas categorias de gêneros do discurso, os denominados gênero primário, e os gêneros secundários.

Os primários são aqueles estabelecidos pelo discurso cotidiano, o diálogo do dia- dia, o relato familiar, a conversa entre amigos, os bilhetes, as cartas, entre outros. Já os secundários são os gêneros mais elaborados e abrangem a esfera do discurso científico, escritas teatrais, campo jurídico, políticos etc. (BAKHTIN, 1997). De fato é importante salientar que dentro dessas categorias existem três elementos essenciais e princípios constitutivos dos gêneros discursivos, que são o **conteúdo temático**, a **forma composicional** e o **estilo**. Nesse sentido Bakhtin, aponta que:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e úmidos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses elementos – O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas

cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKTHIN, 2011, p.11).

Todo gênero discursivo tem seu conteúdo temático, este por sua vez, é caracterizado pelo objeto discursivo que o sujeito pretende anunciar. De acordo com Bakthin o objeto discursivo se materializa por meios da intenção e necessidade que cada gênero assume na composição e elaboração dos enunciados. “Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por certo conteúdo semântico-objetal. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, principalmente, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso” (BAKTHIN, 2011, p.47).

A escolha temática é mobilizada formas composicionais que constituem o gênero, enquanto objeto discursivo. Dessa maneira, “O gênero escolhido nos sugere os tipos e os vínculos composicionais” (BAKTHIN, 2011 p.43). Portanto, a forma composicional refere-se à organização semântica e ao acabamento dado a determinados gêneros, ao passo que essa organização reflete as particularidades específicas da esfera social na qual o gênero vai ser elaborado.

No que diz respeito ao estilo dos gêneros, este é compreendido como um elemento primordial para a composição de qualquer gênero seja ele primário ou secundário. Ele está correlacionado com a forma composicional e o respectivo conteúdo temático, consiste no emprego dos recursos lexicais, fonológicos, linguísticos que são utilizados pelos sujeitos para as composições dos gêneros discursivos (BAKTHIN, 2011).

De acordo com Bakthin (1997), alguns gêneros apresentam estilos individuais, visto que cada sujeito enunciador tem uma maneira (oral ou escrita) de comunicação discursiva, não obstante essa individualidade não é presumidamente absoluta, pois existem gêneros que requerem certo padrão discursivo e não apresenta estilos individuais, como é o caso dos documentos oficiais. Estes, por sua vez, são elaborados de forma padronizada. A linguagem é mobilizada para atender àquele determinado campo da atividade social, como por exemplo, um memorando, um ofício, uma portaria, um ato administrativo, entre outros do mesmo campo de circulação. É evidente, portanto que dependendo da esfera social o sujeito elabora um tipo relativamente específico de gênero discursivo. Marcuschi define que:

[...] a noção de gênero vem envolta num conjunto relativamente extenso de parâmetros que envolve aspectos linguísticos, discursivos, socio-interacionais, históricos, pragmáticos, entre outros. Eles são fenômenos relativamente plásticos com identidades social e organizacional bastante grande e são parte constitutiva da

sociedade. Acham-se ligados às atividades humanas em todas as esferas e em muitos casos, como vimos, dão margens às marcas de autoria e estilo próprios em graus variados. Em alguns casos, são mais rígidos na forma, em outros, mais rígidos na função. (MARCUSCHI, 2011, p. 22).

A noção de gêneros do discurso está intrinsecamente relacionada à relação estabelecida por determinado campo social. Dessa forma, o discurso ocorre por meio dos enunciados produzidos pelos sujeitos, sendo que cada esfera elabora seu tipo relativamente estável de enunciado.

A riqueza e a diversidade dos gêneros dos discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 1997, p. 263)

Há uma pluralidade de gêneros, servindo cada qual a diferentes propósitos comunicacionais. Essa diversidade “é determinada pelo fato de que eles diferem entre si dependendo da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação” (BAKHTIN, 2011, p. 39). Desse modo, existem gêneros que privilegiam os usos estéticos da linguagem, priorizando o plano da expressão e o que se produz do ponto de vista do ritmo e da musicalidade, como é o caso da poesia. Há outros em que o trabalho maior se faz no plano do conteúdo, como nos gêneros notícia, reportagem, que privilegiam o efeito de objetividade e realidade (PEREIRA, RODRIGUES, 2016). O gênero histórias em quadrinhos está relacionado ao campo artístico, literário e tem a função de entreter, satisfazer ou criticar/satirizar.

Entre os fatores que contribuem para o surgimento dos novos gêneros e o uso massivo da tecnologia pelos sujeitos. “Daí surgem formas discursivas novas, tais como editorial, artigos de notícias, telegramas, tele mensagens, teleconferências, videoconferência, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mail), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats)” (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

Os gêneros são versáteis, dinâmicos, fruto sócio histórico e cultural das relações humanas, sobretudo em tempo de globalização. Eles refletem as diversas esferas da atividade humana nas quais são elaborados. Essa heterogeneidade caminha em paralelo com a necessidade de comunicação da sociedade. Aliada a essa perspectiva, a BNCC privilegia o papel de autoria conferido aos alunos, que devem saber mobilizar diferentes saberes

produzidos pela tecnologia e que são incorporados pelos novos gêneros. O documento cita diferentes gêneros que circulam na esfera midiática, alguns até desconhecidos pela maioria dos professores, no entanto, depois de ter contato com tais práticas de linguagem, cabe ao professor e aos alunos:

Analisarem as diferentes formas de manifestação da compreensão ativa (réplica ativa) dos textos que circulam nas redes sociais, blogs/microblog, sites e afins e os gêneros que conformam essas práticas de linguagem, como: comentário, carta de leitor, post em rede social, gif, meme, fanfic, vlogs variados, political remix, charge digital, paródias de diferentes tipos, vídeos-minuto, e-zine, fanzine, fanvídeo, vidding, gameplay, walkthrough, detonado, machinima, trailer honesto, playlists comentadas de diferentes tipos etc., de forma a ampliar a compreensão de textos que pertencem a esses gêneros e a possibilitar uma participação mais qualificada do ponto de vista ético, estético e político nas práticas de linguagem da cultura digital. (BRASIL, 2018, p. 73)

A citação da BNCC ressalta a necessidade de compreensão e análise das práticas de constituição e funcionamento desses gêneros, e ao fazer uso da noção de “réplica ativa”, referência a Bakhtin (2011), evidencia-se a dimensão autoral que deve assumir o aluno, a fim de uma “participação mais qualificada” no âmbito das práticas de linguagem (BAKHTIN, 2011) Ao aluno não cabe apenas o papel de receptor passivo, seja do ponto de vista da leitura (reduzida à concepção de decodificação), seja do ponto de vista da produção ou análise desses materiais. Portanto, pensar em trabalhar os gêneros discursivos é de total relevância para as aulas de Língua Portuguesa. É primordial que o aluno não só tenha contato com os diversos gêneros mas também que ele reconheça os elementos constitutivos que dão visibilidade às práticas discursivas desses gêneros. Nessa perspectiva, a BNCC aponta que é importante:

Analisar a circulação dos gêneros do discurso nos diferentes campos de atividade, seus usos e funções relacionados com as atividades típicas do campo, seus diferentes agentes, os interesses em jogo e as práticas de linguagem em circulação e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros (BRASIL, 2018 p. 72).

Destarte, que o contato dos alunos com a heterogeneidade de gêneros discursivos (orais e escritos) e suas possíveis formas constitutivas tem fundamental relevância para aquisição de autonomia por parte dos alunos, porque os levam a comparar, classificar, distinguir e reelaborar as possibilidades que o uso social da língua, em diversas esferas de atuação, pode influenciar na formação desse gênero discursivo (BRASIL, 2018). Para discutir os elementos constitutivos das histórias em quadrinhos, o próximo capítulo aborda,

brevemente, a unidade temática, o estilo e a forma composicional que faz desse gênero uma prática específica de uso da linguagem.

4. ASPECTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO HISTÓRIA EM QUADRINHOS.

A leitura das HQs perpassa por várias características constitutivas, desde a simples imagem projetada no papel, à organização da linguagem verbal e visual. Dessa forma, segundo Eisner, para que se consiga compreender essa linguagem é preciso também reconhecer os elementos constitutivos desse gênero discursivo, como por exemplo, os balões, leiteiramento⁵, onomatopeias, o requadro, tempo cronológico da narrativa, quantidade e tamanho dos quadrinhos, entre outros elementos possíveis ao autor das HQs.

Todos esses elementos exercem um papel de suma importância quando falamos na leitura e decodificação desse gênero, porque possibilita ao leitor o desenvolvimento de habilidades para sua interpretação. Uma das características singulares das HQs são os balões. Estes funcionam como suporte para o diálogo entre os personagens dentro das narrativas. Eisner enfatiza que:

O balão é um recurso extremo. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som. A disposição dos balões que cercam a fala — a sua posição em relação um ao outro, ou em relação à ação, ou sua posição em relação ao emissor — contribui para a mediação do tempo. Eles são disciplinares, na medida em que requerem a cooperação do leitor (EISNER, 1989, p. 26).

Os modelos dos balões são múltiplos e normalmente está relacionado ao estilo emocional do personagem, “seu contorno passou a ter uma função maior do que simples cercado para a fala. Logo lhe foi atribuído à tarefa de acrescentar significado e de comunicar a característica do som à narrativa” (EISNER, 1989, p.27). Portanto, os balões em forma de nuvem indicam o que o personagem da cena está refletindo sobre uma determinada situação cotidiana. Já os balões pontilhados mostram que está ocorrendo um cochicho entre os envolvidos na narrativa. Em contra partida, quando a expressão é de grito, esses balões ganham outra forma, sendo representado por um balão que simultaneamente pontilhado.

Dentro dos balões é inserido o leiteiramento, que é basicamente o modelo como as letras são escritas dentro do balão, o formato de como as letras são escritas condiz com a expressão de sentimento vivido pelo personagem. Comumente, no Brasil, a leitura dos balões é feita da esquerda para direita, de cima para baixo, seguindo uma sequência lógica dos acontecimentos dentro dos balões (EISNER, 1989, p.29).

⁵ Leiteiramento/leiteiramento reflete a natureza e a emoção da fala, na maioria das vezes, ele é resultado da personalidade (estilo) do artista e da personagem que fala (EISNER, 1989, p. 27).

As onomatopeias tem a função de reproduzir os sons e os ruídos, como por exemplo, quando se pretende transmitir uma explosão, a transmissão da batida dos ponteiros do relógio, a reprodução de um tiro respectivamente identificada pelas palavras “boom” “bang”. Todo o efeito sonoro para a narrativa desse gênero, permitir a aproximação do leitor com as ações que ocorrem dentro do enredo das HQs.

Outro recurso que merece destaque são a quantidade e tamanhos dos quadrinhos “contribuem para marcar o ritmo da história e a passagem do tempo. Por exemplo, quando é necessário comprimir o tempo, usa-se uma quantidade maior de quadrinhos. A ação então se torna mais segmentada” (EISNER, 1989, p.30). Em contra partida, quando não se pretende comprimir o tempo e as ações dos personagens e utilizados os quadrinhos maiores, também denominada de convencionais. Esses transmite o ritmo menos acelerado, ou seja, a cena acontece com fluxo normal.

Assim como os outros elementos que constituem as histórias em quadrinhos, o tempo, também chamado de “*timing*” exerce uma função indispensável para a narrativa, porque ele é responsável para transmitir as vivências reais dos personagens com a cena. Dessa forma, o tempo é responsável por estabelecer a emoção, o suspense, a surpresa, o humor, entre outros aspectos ao leitor. Eisner aponta que:

A habilidade de expressar tempo é decisiva para o sucesso de uma narrativa visual. É essa dimensão da compreensão humana que nos torna, capazes de reconhecer e de compartilhar emocionalmente a surpresa, o humor, o terror e todo o âmbito da expressão humana (EISNER, 1989, p. 26).

Compreende-se que o tempo conduz o ritmo que o artista gráfico deseja dar a cena, ou seja, ao desfecho de um acontecimento, suspense ou até mesmo ao tom de humor atribuído aos personagens. O tempo é indispensável para que essa cena possa, de fato, parecer real, estabelecendo uma conexão entre o leitor e a narrativa dos quadrinhos, uma vez que tal aproximação resultaria em uma experiência real vivida pelo leitor.

Os quadrinhos podem ser retangulares, quadrado e redondos, e esses formatos não servem somente para modular o encadeamento das ações dos personagens dentro das narrativas. Eles também funcionam como suporte para a inferência da linguagem não verbal.

Quando temos os quadrados retangulares com traçados em linhas retas, normalmente sugere que a narrativa está ocorrendo no tempo presente, entretanto, quando o quadrinho apresenta um traçado sinuoso ou ondulado, geralmente é caracterizado como mudança de

tempo, uma ruptura do presente para o passado ou um momento tenso da narrativa em que as ações são encadeadas para o suspense (EISNER, 1989).

No que diz respeito ao conteúdo temático das HQs, essas são múltiplas, Por ser um gênero midiático, suas finalidades discursivas estão na maioria das vezes relacionadas à política, educação, cultura, problemas sociais ou a fatos do cotidiano da sociedade. Normalmente com a função de informar, ensinar, criticar, entreter ou denunciar.

A forma composicional das HQs é caracterizada como um gênero narrativo que apresenta vários elementos singulares para compor a organização e construção desse gênero. Os mais conhecidos são os balões, o requadro, as onomatopeias, desenho ou vinheta, linhas simétricas, metáforas visuais, linguagens verbal e não verbal, cores e imagens sequenciais. No que se refere ao estilo das HQs, a mesma tem uma linguagem didática pedagógica, interativa e informativa. Todos esses elementos constitutivos fazem parte da essência e uso do gênero discursivo histórias em quadrinhos.

Por ser um produto cultural, midiático, multimodal e de entretenimento as histórias em quadrinhos favorecem uma aprendizagem colaborativa, na qual aluno e professor têm a possibilidade de aprenderem juntos. O gênero história em quadrinhos é conhecido como a nona arte e é essa arte que vamos considerar como recurso metodológico para o ensino e a aprendizagem de língua portuguesa. Nesse sentido, a próxima seção traz os recortes metodológicos para seleção das materiais empíricos que serão acionados para construção de propostas para o ensino de língua portuguesa. Portanto, será possível transitar pelo jornal como hipergênero, relacionando-o a historicidade como veículo midiático de publicação de diversos textos; a seleção dos materiais de análise e procedimentos metodológicos de pesquisa.

5. O JORNAL E A METODOLOGIA DE PESQUISA

A humanidade criou diversas formas para se comunicar e registrar as informações ao longo do tempo. Os registros nas cavernas é um bom exemplo desse fenômeno. As imagens pintadas nas paredes, rochas etc. Marcam o fenômeno da comunicação e da informação. Projetando esse acontecimento no tempo, pode-se tomar o jornal de papel como materialidade em que se registra diversas informações. O jornal como se conhece atualmente é fruto de um processo histórico e cultural da humanidade. Sua eclosão como veículo de comunicação tem origem na Roma antiga com as chamadas *actas diurnas* como afirma o pesquisador e jornalista Jorge Pedro Sousa.

Os antepassados mais antigos dos modernos jornais e, portanto, os veículos de índole “jornalística” que primeiro surgiram no mundo foram as *Actas Diurnae* (*Actas Diurnae*), também conhecidas por *Actas Públicas*, *Actas Urbanas* ou ainda *Diurnálias [...]*(SOUSA, 2008, p. 34).

As *Actas diurnas* eram uma espécie de jornal escrito à mão pelos magistrados e escravos públicos subordinados ao imperador Júlio César. Seu advento como registro escrito encanta-se “presumidamente no século II a. C. (possivelmente em 131 a. C.)” (JORGE PEDRO SOUSA, 2008, p.36). E tinha como principal objetivo a divulgação dos acontecimentos da república, tais como, casamentos, nascimento e morte, atos públicos de interesse da família imperial, atos de ordenação e nomeação de membros para cargos públicos na corte e notícias que ocorriam nas colônias de Roma. A acta diurna era fixada nas paredes de perdas quase que diariamente para a sociedade romana (SOUSA, 2008).

Não obstante, o jornal só obteve valor significativo como mídia impressa com o surgimento da prensa e os tipos móveis do alemão Johannes Gutenberg, no século XV. A prensa e o tipo móvel eram pequenos blocos de aço puro com letras grafadas. Os textos eram montados letra por letra, depois de montados recebiam a tinta e após isso eram prensados no papel. “Ao molhá-las na tinta e pressioná-las sobre o papel, obtinha-se uma imagem bastante nítida [...]” (CELINSKI; SKURA, 2016, p. 2).

Esse acontecimento permitiu que milhares de livros, revistas jornais fossem impressos de forma rápida. Antes, esse processo de escrita e tradução era feito manualmente pelos monges. Isso acabava levando muito tempo, entretanto com a prensa e o tipo móvel de Gutenberg, esse cenário mudou. A escrita e as traduções eram feitas por meio da combinação

de letras e a tinta reproduzida no papel, em curto tempo, os textos que antes eram manuscritos (CELINSKI; SKURA, 2016). Esses fatores contribuíram fortemente para a disseminação da mídia jornalística impressa. De acordo com Celinski e Skura:

o primeiro veículo de comunicação de massa surgiu sob o formato de “jornal de tostão” na década de 1830, em Nova York. Vendido a preços baixos para a classe média e trabalhadora, o jornal de tostão foi um sucesso e logo se disseminou ao redor do mundo (2016, p. 3).

O *jornal de tostão* foi um jornal de cunho ideológico. Seu surgimento provocou mudanças sociais, por ser um veículo de comunicação de baixo custo. Os eleitores do folhetim em sua maioria, eram de classe média e baixa. O jornal funcionava como formador de opinião para os cidadãos nova Iorque. Nesse mesmo período surgia, na França o *jornal gazeta*, que era uma espécie de livro noticioso, vendido a preço baixo e com periodicidade mensal. Esse jornal era de autoria de Marcellin Allard e Pierre Chevalier (JORGE PEDRO SOUSA, 2008).

No Brasil, o surgimento do primeiro jornal impresso ocorreu no século XIX, com a chegada da coroa portuguesa, no ano de 1808. O jornal que inaugura essa fase é o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, confeccionado pela imprensa Régia que era coordenada pela coroa. Depois surgiu o jornal *Correio Brasiliense*, produzido em Londres pelo jornalista e diplomata Hipólito da Costa Pereira Fortunato de Mendonça. (SANTOS; NETO; CONCEIÇÃO, 2009).

É importante salientar que esses jornais eram especificamente ideológicos, com discurso de poder elaborado pela classe dominante a qual o jornal estava vinculado, ou seja, “nesse contexto, o interesse do jornal representava o interesse dos seus proprietários (CARRERA, 2011, p. 1)”. Mesmo apresentando esse aspecto ideológico, não deixava de ser um veículo de comunicação de forte influência, tendo como foco a transmissão de informação para a classe menos favorecidas. Servia para discutir pontos relevantes do interesse do governo da época, valendo-se de discursos patriarcais e de dominação massiva.

A transição do jornal ideológico para o jornal com status informativo deu-se nos Estados Unidos, pelo jornalista George Wisner do jornal *New York Sun*. Nessa fase, o jornal torna-se informativo, porque não traz apenas notícia do cotidiano da sociedade local, o que era comumente uma das características dos jornais anteriores. As publicações passam a agregar noticiários de interesse universal, como política, educação, economia, entre outros

temas, e não somente de interesse do governo vigente (SANTOS; NETO; CONCEIÇÃO, 2009).

Outro motivo que cooperou para dar ao jornal esse aspecto informativo e também de fonte de pesquisa foi a escola *Annales*⁶. Essa escola vai romper com a ideia de história pautada na política institucional da sociedade. Ela entende que a história deve se voltar sobretudo para as outras atividades humanas, ou seja, para a análise das estruturas organizacionais de forma abrangente, e não apenas por meio de fatos isolados como vinha acontecendo anteriormente. Dessa forma, a escola vai propor que a abordagem dos fatos deve ser por meio de propor e resolver problemas.

Para alcançar esse objetivo, os fatos não deveriam ser analisados momentaneamente. O historiador precisaria fazer todo um desdobramento, analisando o antes e o depois. Ou seja, era preciso entender o passado para compreender o presente. Esse olhar em torno de uma investigação que não se preocupasse apenas com o momento aqui agora contribuiu para o formato de um jornal documento fonte de pesquisa. (CELINSKI; SKURA, 2016, p.4) Apontam que:

A relação entre história e fontes de pesquisa foi redimensionada quando a confluência desta com outras ciências possibilitou esse olhar para novos materiais com possibilidade de serem abordados. Essa nova escola teórica mostrou-se como decisiva não só para a história, mas também para outros campos de saberes, incluindo a comunicação.

Essa relação corroborou para que os jornais passassem a ter uma nova abordagem, desvinculado dos discursos do poder dominante. Assim, o jornal cria novas expectativas e meios para a produção de notícias de cunho econômico, social, ideológico, político de entretenimento, entre outros de modo ético, com mais serenidade. Isso, de certo modo, propiciou a sua classificação como documento, fonte de pesquisa de demasiada influencia para as diversas áreas. “O pequeno uso da imprensa como fonte se reverteu. Um número crescente de tese e dissertações vem utilizando a imprensa como meio fundamental ou complementar para seus objetos de pesquisa” (LAPUENTE, 2015, p. 4).

⁶ “A escola dos *Annales* pode ser considerada, como um movimento de historiadores Franceses vanguardistas que visava modificar os paradigmas da chamada História tradicional, auto proclamada como nova História (CELINSKI; SKURA, 2016, p. 4)”. Essa escola foi liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, que revolucionaram o modo como se fazia historiografia no mundo.

Hoje, diversas áreas do conhecimento utilizam o jornal como ferramenta indispensável para construção de saberes múltiplos. Por ser um produto midiático, histórico cultural e de entretenimento, o jornal promove diferentes interesses, como por exemplo, a leitura fonte de informação, pesquisas sociais que contribuem para a construção do conhecimento no âmbito educacional.

É evidente, portanto que esse uso não se restringe apenas a uma determinada área do conhecimento, uma vez que há interesse entre esse material com os diversos campos do conhecimento. Segundo Bonini (2011), isso ocorre porque o jornal é concebido como um hipergênero, uma vez que dentro do jornal é alocado diversos gêneros, cada um com propósitos comunicacionais diferentes.

os gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamentos compondo uma unidade maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero. O jornal, nesse sentido, é um hipergênero, uma vez que ele responde às características propostas por Bakhtin (1953) para caracterizar o enunciado [...]. Uma notícia é produzida em um enunciado, de modo que ela se relaciona necessariamente com os demais gêneros produzidos (com a chamada do editorial, com os artigos, etc.). Todo hipergênero, como o jornal, a revista, o site, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolve gêneros organizadores (sumário, introdução editorial, chamadas, etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista etc.) (BONINI, 2011, p. 691).

O jornal é um hipergênero porque é um suporte que dispõe vários outros tipos de gêneros dentro dele. Dentro do jornal encontramos uma reportagem, uma entrevista, um artigo de opinião, uma crônica, tiras em quadrinhos, entre outros. Todos esses gêneros têm um propósito de comunicação ao seu público leitor. Eles seguem uma organização, específica, que é parte fundamental do gênero.

Essa organização está intrinsecamente relacionada aos tipos de gêneros que o jornal contempla. Bonini (2011) faz uma categorização desses gêneros, caracterizando alguns como centrais, que identificam o jornal impresso, como cabeçalho, chamadas, manchetes, editorial entre outros (BONINI, 2011).

Os gêneros centrais livres autônomos, que se referem especificamente às unidades textuais que ocorrem dentro do jornal, funcionam como elemento independente, sendo evidências os gêneros artigo, notícia, entrevista, reportagem, enquete, crítica, resenha, tira, cartum, charge, comentário, análise. Outros gêneros que o jornal contempla são os que

servem como apêndices para os gêneros livres e autônomos, caso das tabelas, mapa, ‘indicador’, perfil, endereço eletrônico, infográfico, ficha técnica, fotografia etc. Há ainda os que cumprem o papel de informar, vender, educar e entreter, tais como, o aviso, propaganda, editorial de moda, anúncio, cupom, expressão opinativa, classificados, folhetim etc.

Essas categorias servem, sobretudo para a abordagem de como o gênero funciona dentro do jornal. Dentro dessas classificações dos gêneros no jornal, escolheu-se o gênero tira em quadrinhos (tirinhas em quadrinhos), publicada no jornal no Tocantins para um estudo mais detalhado, apontando suas contribuições para o ensino de língua portuguesa no âmbito escolar.

O jornal do Tocantins foi criado no dia 18 de Maio de 1979, pelo empresário Jaime de Câmara, na cidade de Araguaína situada na região norte do antigo estado de Goiás. O jornal surge com o interesse de ser um o meio de comunicação porta voz da sociedade local.

A primeira edição trouxe como principal assunto a criação e abertura do aeroporto da cidade de Araguaína. Essa primeira edição foi produzida e impressa em Goiânia e funcionava da seguinte forma: as informações, reportagens importantes eram coletadas na cidade de Araguaína e regiões próximas, depois essas informações eram enviadas para Goiânia, onde eram editadas por Domiciano de Farias, que era o editor chefe do jornal na época. Depois de editado, o jornal era impresso e enviado para a circulação nas cidades do norte do Estado (SILVA; ROCHA, 2018).

A circulação das edições acontecia duas vezes por mês no formato tabloide e contemplava oito páginas, que eram impressas preto e branco. O principal objetivo do jornal nesse período era noticiar a divisão do então Estado de Goiás e a luta pela criação do Estado do Tocantins, após a promulgação da constituição Federal no ano de 1988.

O ano 1989 foi um marco muito importante para o jornal, visto que o periódico ganhou um novo formato e novas configurações para sua circulação: passou a circular com impressão colorida, totalizando dozes páginas no formato *standart*⁷ e com periodicidade semanal. Já nesse novo formato, permaneceu participando Tião Pinheiro, um dos percussores, que hoje é um dos diretores-chefe do Jornal do Tocantins (SILVA; ROCHA, 2018).

A sede do jornal muda para a capital do estado, Palmas, no ano de 1995, e lá passa a produzir todo o conteúdo da publicação. Com o tempo, firma-se, contrato com reportes na

⁷ Standart é a medida mais utilizada, por ter maior aproveitamento de papel. Sua mancha gráfica é basicamente 52,5 x 29,7 cm, sendo que a área total do papel depois de impresso é 56 x 32 cm.

cidade de Araguaína e Gurupi para a produção de matérias. A produção das matérias era realizada / editada na capital, mas a impressão continuava sendo feita em Goiânia, uma vez que, Palmas não possuía aparato tecnológico para essa impressão.

“Em 31 de março de 1998, quando o estado completou 10 anos de criação e o veículo 20 anos de existência, o jornal entrou numa nova fase mais dinâmica e começou a circular diariamente de terça a domingo. Além disso, foram incorporadas as novas tecnologias e melhorias no projeto gráfico” (SILVA; ROCHA, 2018, p. 4). Assim, ao logo dos anos, o jornal inovou e se consolidou como veículo de comunicação e de credibilidade no estado do Tocantins.

Nesse contexto, o jornal começa a ser distribuído para as microrregiões do estado, sendo as de cidades com Araguaína e Palmas, polos dessa circulação e venda dos impressos. O periódico somava cerca de cinco mil exemplares diários em circulação, sendo caracterizado como o jornal de maior circulação (ROCHA; SOARES; ARAUJO, 2014).

No ano de 2000, o Jornal do Tocantins publicou a sua primeira versão *on-line* para os assinantes. Nessa fase, o suporte tecnológico contribuiu bastante para a ascensão e a circulação do jornal em outros estados, como aponta Silva e Rocha (2018).

O JT comemorava o aumento na tiragem mensal e com 20% de vendas em compras avulsas, ou seja, em bancas de revistas e pontos alternativos. Já os outros 80% das vendas eram com assinaturas atendendo os 80% dos municípios tocaninenses, além dos estados de Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro (SILVA; ROCHA, 2018, p.6).

A versão *on-line* possibilitou maior comodidade aos usuários, porque eles poderiam ter acesso às informações publicadas de qualquer lugar do mundo. E essa possibilidade e praticidade permitiu a crescente expansão do jornal como veículo de comunicação em massa para outros estados da federação. Fizeram parte desse novo formato Tasso José Câmara, diretos do jornal na época; José Sebastião Pinheiro, editor chefe; e jornalista Danin Junior, jornalista.

A partir dessa época o jornal era produzido tanto na versão impressa quanto *on-line*. Vale destacar, que devido à versão *on-line* foi preciso uma grande reformulação no jornal, para melhor atender aos usuários. “No mês de janeiro de 2000, o jornal, com objetivo de ampliar e qualificar a sua informação, fez ajustes gráficos e editoriais, introduziu novas seções, quadros, colunas, serviços e uma página para as notícias da hora” (SILVA; ROCHA, 2018, p. 6). Essa reformulação contribuiu para deixar o jornal ainda mais atrativo.

Os idos de 2016 foram muito importantes para o jornal, pois passou a contar com sede própria em Palmas. Tudo começou a ser feito na capital, tais como edição, impressão, revisão e acabamentos técnicos, permitindo maior rapidez e celeridade em sua produção. Era possível perceber a grande aceitação do público. Os exemplares eram vendidos a sessenta e cinco municípios tocantinenses, contando ainda com vendas nos estados do Maranhão, Goiás e Distrito Federal, que somavam cerca de quatro mil exemplares diários.

Para atender a essa demanda o jornal tinha vinte e nove funcionários, ocupando diversos cargos nas funções de editor-geral, diretor-chefe, cargos executivos, secretarias, editores, repórteres, fotógrafos, diagramadores. Nesse período, o periódico tinha o formato *berlinder*⁸, para melhor atender seus usuários.

Além de ter um jornal impresso, o usuário podia acessar a versão *on-line* na internet, com notícias atualizadas quase que instantaneamente. Foram criadas também páginas no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* a fim de aproximar cada vez mais o jornal do seu público leitor. Segundo Silva e Rocha (2018):

[...] em agosto de 2016, [...] o site ultrapassou a marca dos 87 milhões de acessos, que representou um crescimento de 60%. [...] o número de visualizações bateu a marca de 5,1 milhões, sendo a média diária de 24,5 mil acessos. Depois da última reformulação, a página do jornal teve uma média diária de 40 mil visualizações. Com relação às redes sociais, a *Fanpage* do jornal no *Facebook* conta com pouco mais de 54 mil curtidas, 11,6 mil seguidores no *Twitter* e quase 5.400 no *Instagram* (SILVA; ROCHA, 2018, p.13).

A tecnologia sempre foi um forte aliado para a expansão das diversas áreas da comunicação e com o Jornal do Tocantins não foi diferente. Depois do uso massivo da tecnologia, o jornal teve ainda mais destaque tanto no cenário regional como também no nacional. Com o forte crescimento do jornal por meios das redes sociais, no dia 30 de dezembro de 2018, o jornal impresso deixou definitivamente de circular no mercado, permanecendo somente a versão *on-line*. Nela é possível ao usuário folhear o jornal inteiro por meio da plataforma digital que o jornal disponibilizou. Com o fim da versão impressa, decidi analisar o último mês da publicação. Nela encontrei as HQs, da análise delas, construí meu TCC com o objetivo de construir uma proposta pedagógica para o ensino de língua

⁸ É um formato de jornal com páginas que normalmente medem 470 x 315 milímetros.

portuguesa a partir das histórias em quadrinhos publicada na versão impressa. O trabalho torna-se emblemático por conta da extinção e transição do jornal impresso para o digital.

5.1 Arquitetura da Metodologia

O interesse em trabalhar com o gênero histórias em quadrinhos surgiu, inicialmente, por meio do estágio supervisionado de língua portuguesa e, posteriormente, foi intensificado com a minha participação no de projeto de ensino e pesquisa, intitulado “Os gêneros do discurso e a formação do professor de linguagens no estágio supervisionado de língua e literatura” Proposto pelo professor, pesquisador, Dr. Carlos Borges da Silva Júnior, cujo objetivo é estudar as contribuições que os gêneros do discurso constroem na formação do professor de linguagens.

Em conversa com o orientador resolvemos trabalhar o gênero HQs que era impresso no jornal do Tocantins. Para isso selecionou-se um mês consecutivo de publicações do jornal, no caso o último mês da versão impressa. Assim, entrei em contato com a direção do jornal em Palmas para saber como poderia fazer para ter todos os exemplares da última versão impressa. Expliquei que precisaria dessa versão do jornal para meu Trabalho de Conclusão de Curso, em razão de ter selecionado analisar as HQs do jornal.

Foi informada pela direção do jornal que, para a retirada do último mês do jornal impresso, no caso o mês de dezembro de 2018, precisaria ir diretamente à sede do jornal na capital. Assim fiz. Viajei à Palmas, até o complexo de produção do jornal, localizado na quadra 102 norte, Avenida NS 2, conjunto 2. Fui recebida com muita atenção por toda a equipe do JT, que de imediato, disponibilizaram todos os jornais referentes ao mês de dezembro. Assim começou o mapeamento da pesquisa, que é desenvolvida a partir do próximo tópico.

5.1.1 Descrição dos Quadrinhos

No mês de Dezembro foram publicadas vinte seis edições do Jornal do Tocantins, sendo que as publicações ocorreram no período de 01/12/2018 a 31/12/2018. Cada edição

dispõe de duas histórias em quadrinhos, totalizando, cinquenta e quatro quadrinhos dos autores brasileiros Mauricio de Sousa e Christie Queiroz⁹, sendo uma HQs de cada autor. Essas publicações, por sua vez, encontram-se sempre na antepenúltima página do impresso e ocupam um espaço de aproximadamente 11 centímetros de comprimento por 13 centímetros de largura. A impressão no jornal é bem nítida, com formas bem coloridas, despertando a atenção do leitor. A circulação desses vinte e seis exemplares do jornal ocorria semanalmente, exceto nas segundas-feiras, dia em que o jornal não circulava. O quadro a seguir ilustra a circulação dos exemplares do jornal, referente ao mês de Dezembro de 2018, mês selecionado para a seleção do material empírico dessa pesquisa.

Quadro 1: Periodicidade do Jornal do Tocantins

dez/18						
D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Fonte: Elaboração da autora

A coluna colorida em cinza representa os dias de segundas-feiras, datas em que o jornal não teve edições. Conforme antecipado, foram vinte e seis exemplares, em cada edição, duas histórias em quadrinhos eram publicadas, sendo uma do escritor Mauricio de Sousa e outra de Christie Queiroz.

⁹ Mauricio Araújo de Sousa é um cartunista, empresário, escritor brasileiro, membro da academia Paulista de letras. Criador de vários personagens das histórias em quadrinhos, destes elas, a turma da Mônica, turma do bidu, turma do penaldinho, turma da mata entre outros. O escritor já ganhou diversos prêmios por suas obras entre eles o prêmio Gran Guinigi na Itália no ano de 1971, prêmio troféu Yellow Kid também na Itália no mesmo ano, como também o prêmio da literatura infantil ABL (Brasil) no ano de 1999. Christie Queiroz, cartunista goiano criador do personagem cabeça oca. No dia 30 de janeiro de 2016, o cartunista ganhou do prêmio Angelo Agostini que é um importante prêmio para a categoria quadrinhos.

Nessas publicações os autores trabalhavam com os seguintes personagens: *Chico Bento* e *Bidu*, de Mauricio de Sousa e *Turma da cabeça oca*, de Christie Queiroz.

Quadro 2: Autores, Personagens e Obras

Autor	Personagens
Mauricio de Sousa	Bidu / Chico Bento
Christie Queiroz.	Turma da cabeça oca

Fonte: Elaboração da autora

As características das HQs no jornal estão voltadas para o entretenimento. Uma vez que as temáticas publicadas catalogadas nesse período de pesquisa estão relacionadas, ao mês de dezembro, foi possível perceber que os autores trouxeram o espírito natalino para as narrativas das HQs, com a função de instigar, despertar curiosidade e divertir o público leitor. A seguir, trazemos todas essas histórias em quadrinhos para o corpo deste trabalho para que elas possam ser objeto de leitura dos apreciadores dessa discussão. Ei-las:

Histórias em quadrinhos nº 1

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA

Fonte: Jornal do Tocantins, 1 de dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 2

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



BIDU

CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 2 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 3

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



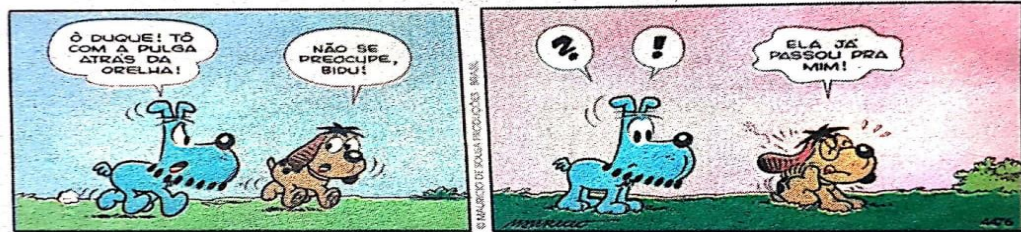
Fonte: Jornal do Tocantins, 4 de dez. 2018.

Histórias em quadrinhos N° 4

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 5 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 5

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 6 dez. 2018

História em quadrinhos nº 6

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



BIDU

CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 7 dez. de 2018

Histórias em quadrinhos nº 7

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 8 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 8

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 9 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 9

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 11 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 10

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 12 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 11

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 13 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 12

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 14 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 13

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 15 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 14

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 16 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 15

QUADRINHOS

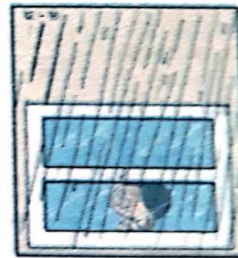
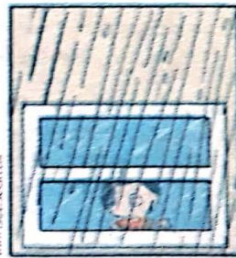
MAURICIO DE SOUSA



CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA

Fonte: Jornal do Tocantins, 18 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 16

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



BIDU

CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA

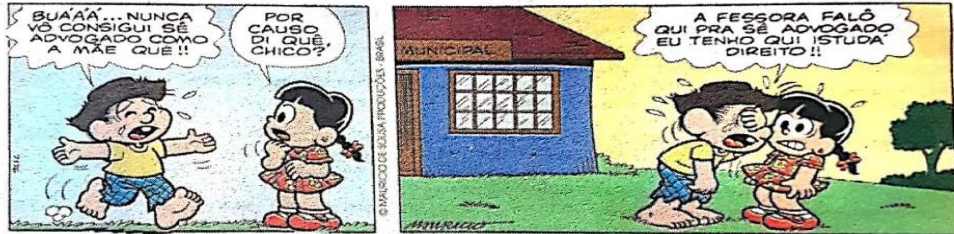
Fonte: Jornal do Tocantins, 19 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 17

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 20 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 18

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



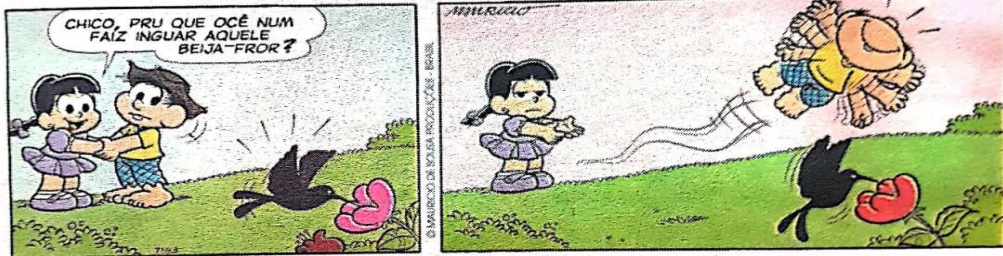
Fonte: Jornal do Tocantins, 21 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 19

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 22 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 20

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 23 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 21

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

CHICO BENTO



CRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 25 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 22

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA

BIDU



CHRISTIE QUEIROZ

TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 26 dez. 2018

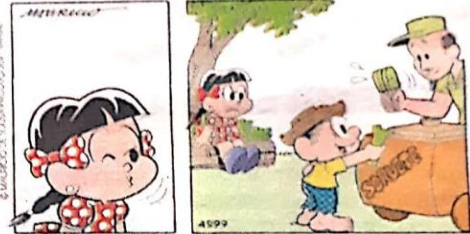
Histórias em quadrinhos nº 23

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 27 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 24

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



BIDU



CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA



Fonte: Jornal do Tocantins, 28 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 25

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



CHICO BENTO



CHRISTIE QUEIROZ



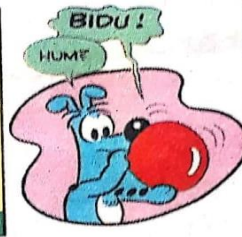
TURMA DO CABEÇA OCA

Fonte: Jornal do Tocantins, 29 dez. 2018

Histórias em quadrinhos nº 26

QUADRINHOS

MAURICIO DE SOUSA



BIDU

CHRISTIE QUEIROZ



TURMA DO CABEÇA OCA

Fonte: Jornal do Tocantins, 30 dez. 2018

De acordo com Lopes (2010), pesquisador investigador é responsável pela seleção e organização metodológica da sua pesquisa e, por conseguinte, do seu discurso. Levando esse apontamento em consideração, na seleção da pesquisa para esse trabalho optou-se pela pesquisa qualitativa, que se trata de uma investigação, na qual procuramos apontar como o gênero histórias em quadrinhos coletada no **J**ornal do Tocantins pode contribuir para o ensino de língua portuguesa. Portanto, a partir da unidade temática, da forma composicional e do estilo desse gênero discursivo, vamos construir uma proposta que contemple três aspectos: 1) leitura, debate; 2) produção textual; 3) análise linguística. Esses três elementos serão discutidos no capítulo IV desse trabalho.

As propostas se fundamentam na análise do discurso que se volta para a compreensão dos gêneros (BAKHTIN, 1997; MARCUSCHI, 2011) aliado aos trabalhos de (GERALDI, 1946) e seus apontamentos sobre o texto na sala de aula. Como as propostas serão diretamente ligadas ao ensino de língua portuguesa e, conseqüentemente, ao campo educacional, levarão em conta os documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998; 2000), e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

6. PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de língua portuguesa no Brasil tem raízes profundas, que ao longo dos anos está ganhando novo dimensionamento, passando por processos e transformações no ensino e aprendizagem do atual cenário Brasileiro. De fato, vale destacar que boa parte das mudanças se deve às contribuições dos estudos realizados pelos pesquisadores do campo da linguagem ao descrever e analisar os contextos de uso da língua na sociedade.

Por muito tempo, o estudo e o emprego da linguagem na sala de aula era abordado tendo como referência frases e palavras soltas, conceitos e regras, que não mantinha exclusivamente, uma relação com o uso cotidiano da linguagem. Atualmente, o enfoque mudou um pouco, pois o estudo da linguagem passou a ter como referência o texto, sendo ele a manifestação viva da linguagem. Portanto, nosso objetivo neste capítulo, se concentra em construir uma proposta metodológica para o ensino de língua portuguesa. Dessa maneira, para a elaboração da proposta, serão trabalhados os três eixos propostos pela (BNCC, 2018). Aqui associados como 1.) Leitura e Debate; 2.) produção textual e 3.) análise linguística, tendo como base o gênero histórias em quadrinhos.

6.1 Eixo Leitura

A prática da leitura é parte fundamental para o ensino e a aprendizagem dos sujeitos envolvidos nesse processo. Soma-se a isso, a forma como essa prática é desenvolvida dentro do âmbito escolar. Comumente, no Brasil, essa prática está assumindo novos horizontes mesmo que paulatinamente, por meio de estudos e pesquisas no campo da linguagem e ensino. A leitura passa a ser compreendida como um processo múltiplo de aprendizagem e não como uma atividade artificial a ser ensinada. De acordo com Borges Junior, essa forma superficial de ensino de leitura está entrelaçada ao modo que a gramática normativa foi compreendida pela escola:

O trabalho com a leitura na escola, por muito tempo, esteve submetido a um modelo tradicional de ensino, cuja concepção era orientada pelos fundamentos da gramática normativa. A linguagem era vista como um conjunto de regras a serem rigorosamente seguidas. A mesma abordagem também direcionou as atividades de produção de textos, principalmente a partir da concepção de tipologias textuais, que prescreviam definições, sistemas e estruturas fixas para organizar os textos na forma

escrita da língua. Nesse sentido, as tipologias eram ensinadas como sistemas textuais homogêneos (BORGES JÚNIOR, 2017, p. 83).

A concepção do ensino tradicional influenciou quase que absolutamente as práticas de ensino- aprendizagem de língua portuguesa no Brasil, e com a leitura não foi diferente. Ao longo dos anos, essa prática é assumida tendo como suporte principal a sistematização da gramática normativa da língua, que está sempre encarregada em classificar, determinar e apontar o que é certo ou errado. Esse processo possibilitou que a leitura fosse encarada como menos prazerosa e mais mecânica, uma vez que a leitura estava ligada à repetição e à categorização de códigos, mas quase sem reflexão, questionamento sobre o próprio texto lido. Nessa mesma concepção, Geraldi (2003) põe em evidência que a prática de leitura dentro da escola está inserida em:

[...] o aprimoramento da mecânica da leitura. Indiscutível o valor desta mecânica, no sentido de desenvolver a leitura clara e fluente. Esta habilidade, porém, é mero passo em direção a objetivos qualitativamente superiores (que devem começar a ser atingidos desde os primeiros anos da escola), ou seja, a penetração na mensagem e a apreciação crítica desta, atividade relegada, atualmente a um plano secundário, quando não esquecidas de todo [...] o resultado desta falta de hábito de leitura compreensiva e crítica é a incapacidade dos universitários (cidadão comum) de entender um texto e analisá-lo criticamente (GERALDI, 2003, p. 1984).

As práticas de ensino vinculadas à leitura no contexto atual levam em consideração a interação do sujeito em seu convívio social. E essa prática tem vários instrumentos norteadores, entre eles os parâmetros curriculares nacionais (PCNs), que salienta a importância do trabalho com o texto na sala de aula e o exercício da leitura reflexiva, nos quais possam ser exploradas diversas competências pelos sujeitos.

Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados (BRASIL, 1998, p. 59).

Em suma, pode-se observar que o aluno obtém diversas competências durante a leitura, entre elas o poder de criticidade, dedução e inferências. Entende-se que o trabalho como texto na sala de aula é de total relevância para as aulas de Língua Portuguesa, mas esse

trabalho deve se voltar, sobretudo, para a leitura e o debate do texto. Esse debate do texto se torna imprescindível, porque rompe com a perspectiva tradicional de ensino, cuja centralidade estava no estudo da metalinguagem. O debate cria horizontes para a interdisciplinaridade e constrói sujeitos mais autônomos do seu próprio discurso. Borges Júnior destaca que:

[...] o trabalho com o gênero debate desartificializa certas concepções de leitura ainda em vigor nas salas de aula e desfaz a política de monitoramento da leitura que a escola sempre esteve arraigada, desconstruindo a perspectiva da resposta correta. Ler-se-ia para construir visões de mundo que intervissem sobre temáticas ou problemas sociais e não para responder às perguntas que os livros trazem; também não se leria para empregar as regras gramaticais ao texto ou vice-versa, tampouco para verificar se os alunos estão verbalizando as palavras de modo certo o errado, se respeitam as regras das pausas, entonação etc.; ler-se-ia para construir e constituir saberes e vivências (BORGES JUNIOR, 2017, p. 99).

Defende-se, aqui, que o gênero debate seja desenvolvido a partir das leituras na sala de aula, uma vez que por meio desse gênero os alunos são chamados a refletir sobre o texto, compreendê-lo e atribuí-lo sentidos, por meio de uma perspectiva de leitura que vai além da dimensão escrita. Esta promoveria um conhecimento mais aprofundado do uso da linguagem e não apenas de regras gramaticais, pois essas não dão conta de explicar os usos sociais da linguagem. Aliada a essa concepção, é imprescindível que o professor, enquanto agente mediador do conhecimento realize uma metodologia que proporcione ao aluno a liberdade de construir seu pensamento e suas concepções de mundo. Nesse sentido a leitura passa a ser significativa construtora do processo de ensino e aprendizagem. Borges; Ruiz destacam:

[...] a elaboração de propostas pedagógicas que incluam leitura e o estudo dos gêneros do discurso, como orientado na BNCC, pode auxiliar o professor de Língua Portuguesa no planejamento de suas aulas. A leitura, enquanto processo de construção de sentidos, dialoga com todas as práticas discursivas e com os diversos materiais didáticos que, geralmente, são utilizados pelos professores em sala de aula. A leitura envolve os sujeitos a partir das experiências sociais, históricas e culturais que os constituem (2000, p.23).

Ser professor não é ensinar respostas prontas. A missão do professor é provocar à inteligência, o espanto, a curiosidade do aluno, em suma é ensinar a pensar (RUBENS ALVES, 2000). Dessa maneira, como futuros professores, devemos provocar a inquietação nos alunos, porém é importante que, a partir das inquietações geradas, ocorram também perguntas. Nesse contexto o professor deve ter a sensibilidade e a compreensão de que não existe uma resposta pronta e única, proporcionando, dessa forma, que o aluno construa e

desenvolva a habilidade de refletir sobre as questões do mundo e da sociedade. A seção a seguir traz uma proposta de ensino focalizando a leitura, oralidade e debate.

6.1.1 Proposta de leitura, oralidade.

A partir do eixo leitura, propõe-se o trabalho com o gênero debate, valendo-se de alguns temas sociais encontrados nas histórias em quadrinhos. A proposta tem como base as turmas de 8º e 9º anos do ensino fundamental. Ao que se refere à leitura, todo o acervo coletado para essa pesquisa 54 (cinquenta e quatro) quadrinhos, pode ser utilizado. No entanto, esses materiais geram algumas temáticas específicas que provocam discussões, tais como: educação, direito do consumidor, autonomia individual, responsabilidade individual, educação financeira, entre outros. Dessa maneira, para tal proposta de leitura, oralidade e debate, será considerado todo o acervo da pesquisa.

Como as temáticas abordadas nesse tipo de gênero é diversa, é interessante que, para trabalhar essa proposta, é viável que o professor deixe o aluno a vontade para escolher a história em quadrinho que ele tenha interesse, uma vez que é importante essa autonomia dos alunos frente ao material pedagógico. Após a escolha do material, o professor pode explicar como se dará essa atividade, explicando que ao término cada aluno irá argumentar/discorrer sobre o que leu.

Durante a leitura, o professor poderá orientar os alunos quanto à unidade temática, forma composicional e estilo do gênero, pois é imprescindível que eles reconheçam como esse gênero se organiza dentro de cada narrativa. O objetivo do professor, nesse momento, pode ser apenas guiar a leitura, sem muitas cobranças, pois o objetivo nesse primeiro momento será estimular o aluno a desenvolver o gosto pela leitura. Nesse sentido, a BNCC (2018) destaca que:

Durante a leitura, as habilidades operam de forma articuladas. Dando o desenvolvimento de uma autonomia de leitura em termos de fluência e progressão, é difícil discretizar um grau ou mesmo uma habilidade, não existindo muitos pré-requisitos (a não ser em termos de conhecimentos prévios), pois os caminhos para a construção dos sentidos são diversos (BNCC, 2018, p. 76).

É importante que o aluno tenha essa apropriação do texto na construção de sentidos, e esse processo advém dos conhecimentos prévios que os alunos constituíram ao longo dos

anos com relação direta ao seu convívio social. Após a leitura o professor pode propor que os alunos abordem os pontos que mais que gostaram, isto é, o que chamou mais a sua atenção. Depois o objetivo será direcionar essa abordagem para um debate entre as leituras feitas. Nesse instante cada aluno deve expor seu ponto de vista em relação ao que leu. Isso permite que os alunos construam a própria argumentação crítica ao texto construindo, na autonomia discursiva no processo da leitura.

Tanto a leitura quanto o debate se fazem necessário nesse momento. Ambas constroem habilidade e competências distintas. A leitura aprofunda a visão de mundo e o debate, segundo Borges Júnior “favorece o trabalho com a leitura, promovendo uma consciência política, ideológica, histórica, concreta e efetiva aos alunos” (2017, p. 98). Dessa forma, é importante que o professor tenha essa percepção enquanto mediador: que a leitura se constrói por meio dos significados atribuídos pelos sujeitos operantes da língua, e essa significação se dá por intermédio da apropriação do aluno aos sentidos do texto. Segundo Geraldi (2003):

A leitura, sendo também produção de sentidos, opera com condição básica com próprio texto que se oferece à leitura, à interlocução; neste sentido são as pistas oferecidas pelo texto que levam a acionar o que lhe é externo (por exemplo, outros textos lidos anteriormente). Do ponto de vista pedagógico, não se trata de ter no horizonte a leitura do professor ou a leitura historicamente privilegiada como parâmetro da ação; importa, diante de uma leitura do aluno, recuperar sua caminhada interpretativa, ou seja, que pistas do texto o fizeram a acionar outros conhecimentos para que ele produzisse o sentido que produziu; é na recuperação desta caminhada que cabe ao professor mostrar que alguns dos mecanismos acionados pelo aluno podem ser irrelevantes para o texto que se lê, e, portanto a sua “inadequada leitura” é consequência desse processo e não porque não se coaduna com a leitura desejada pelo professor (GERALDI, 2003, p. 188, grifos do autor).

Nessa perceptiva, o gênero tirinhas em quadrinhos soma-se ao processo de ensino e construção de significados que opera de forma positiva para o ensino de língua portuguesa e na construção de alunos autônomos do ponto de vista argumentativo. Para essa proposta de leitura e debate o gênero em questão, tem enorme contribuição, com objetivo de estimular o aluno a interagir de modo competente diante das diversas situações de uso da língua, ao mesmo tempo em que é capaz de analisar criticamente os enunciados, uma vez que os gêneros discursivos são os que possibilitam as diferentes formas de interação social. Dessa maneira, cabe ao professor dinamizar os trabalhos pedagógicos em relação a esses gêneros.

6.1.2 Eixo Produção Textual

Na educação básica, e durante todo o processo de formação dos sujeitos, a produção de textos é uma atividade que exige grande atenção, tanto do professor, quanto do aluno. Essa produção vai desde o momento de introdução do aluno no processo de escrita, até sua inclusão no mundo do trabalho e das práticas sociais do cotidiano. Para que esse processo seja realizado com qualidade é preciso, segundo o Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa (PCN-LP 1997), que o aluno esteja inserido em uma metodologia que considere o movimento de USO → REFLEXÃO → USO, considerando o texto, objeto social de aprendizagem, em uma tentativa de desvinculação ao modelo tradicional de ensino enraizado pela gramática normativa.

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita. Formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de texto na sala de aula, situação de produção de uma grade variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas (BRASIL, 1997, p. 49).

É possível afirmar que o texto assume um papel relevante no estudo da linguagem, visto que é por meio da atividade de produção e reflexão sobre o texto que o professor leva o aluno a se confortar com determinados fenômenos e usos da linguagem, estimulando-os a mobilizar suas capacidades linguísticas, tendo em vista a produção e explicação para os fenômenos da linguagem (SUASSUNA, 2014).

A utilização do texto e dos diversos gêneros discursivos em sala de aula possibilita, também, ao aluno uma autonomia consistente para compreender o mundo em sua volta. Em consonância ao doravante PCN, de língua portuguesa, (1997), a Base Nacional Comum Curricular enfatiza que:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerando a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas /campos sociais de atividade /comunicação e uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizadas em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (BNCC, 2018, p. 68).

Podemos compreender que o uso do texto em sala tem fundamental importância, porque leva o aluno a comparar, classificar e distinguir as possibilidades que o uso da língua e as suas variedades oferece. Se por um lado o texto é uma ferramenta pedagógica que fomenta o ensino e a aprendizagem do aluno dentro da sala de aula, por outro, percebe-se que a utilização dessa atividade, ainda encontra entraves na sala de aula. E isso, de certa forma, acaba representando a complexidade que o trabalho com o texto e a produção escrita significa na vida dos estudantes. A pouca ou não utilização do texto como eixo para o ensino de linguagem está associada, de maneira geral, ao ensino tradicional, tendo como referência a gramática normativa e suas regras que leva o aluno a “memorizar ou decorar” estruturas e modelos de textos na língua padrão, excluindo registros e usos cotidianos da língua(gem) viva.

Segundo Geraldi (1946), um dos grandes defensores do uso e exploração do texto na sala de aula como subsídio para o ensino de língua portuguesa, o uso do texto dentro do contexto escolar ainda é minimamente explorado como de fato deveria ocorrer. O que se tem na verdade é um uso do texto como desdobramento para o ensino da norma padrão, sem a devida reflexão. Geraldi pondera que “uma coisa é saber a língua, outro é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados” (GERALDI, 1946, p. 52). Nesse sentido, depreende-se que o uso do texto permite que o aluno compreenda a função da linguagem em uso, ou seja, tem a possibilidade de relacionar o que ele pensa com o que ele fala “E essa capacidade, que permite o acesso à informação escrita com autonomia, é condição para o bom aprendizado, pois dela depende a possibilidade de aprender os diferentes conteúdos” (BRASIL, 1998, p. 26).

É evidente, portanto, que a escrita tem várias funções, dentre elas a de comunicação, registro e organização das ideias. Dessa forma, para que se alcançar um trabalho de produção textual significativo, não apenas dentro da sala de aula, mas também

fora dela, é primordial que o aluno tenha contato e consiga explorar as diversidades de gêneros textuais, de modo que compreenda sua interação, as práticas discursivas a serem acionadas nesse processo e, principalmente, que o texto “é, portanto, a unidade de sentido que confere consistência às atividades especificamente humanas, como ensinar e aprender a ler e a escrever” (MORTATTI, 2014, p. 23). A partir dessa compreensão, o tópico seguinte apresenta uma proposta para as atividades de produção de texto na escola.

6.1.3 Proposta de produção textual

A proposta de produção textual é constituída com as tiras em quadrinhos produzidas pelo escritor Christie Queiroz, intitulado “Turma da Cabeça Oca”. A tira é composta por quatro quadrinhos de forma linear, que obedecem ao mesmo tamanho em ambas as imagens. Dentro do requadro pode-se perceber a figura de uma menina ao telefone, mas não é um simples telefonema: é uma ligação em que a personagem realiza uma reclamação ao (Procon). O Procon é um órgão de fiscalização Estadual, tem por finalidade, a proteção e defesa do consumidor.



Fonte: Jornal do Tocantins, 25 dez. 2018

Na situação, a personagem se sente lesada por não ter seus pedidos atendidos pelo Papai Noel. No campo da linguagem temos o verbal e visual sendo acionados para a construção de sentidos. Na linguagem verbal e visual a garota expressa sua imensa decepção por não ter sido atendida pelo papai Noel. Para sua surpresa, ao prestar a reclamação junto ao órgão de atendimento ao consumidor, sua denúncia não foi levada em consideração, pois a atendente desliga o telefone em crise de riso.

Nesse contexto é importante que o professor chame atenção dos alunos para a abordagem da unidade temática da narrativa dos quadrinhos. Nela enfatiza-se o direito do consumidor. Conforme a BNCC, os alunos devem ter acesso aos gêneros normativos dentro da sala de aula. O trabalho com tal gênero torna-se imprescindível, uma vez que legisla o direito dos indivíduos na sociedade. Conforme o documento, é necessário o:

[...] desenvolvimento de habilidades e aprendizagem de procedimentos envolvidos na leitura/escuta e produção de textos pertencentes a gêneros relacionados à discussão e implementação de propostas, à defesa de direitos e a projetos culturais e de interesse público de diferentes naturezas. Envolvem o domínio de gêneros legais e o conhecimento dos canais competentes para questionamentos, reclamação de direitos e denúncias de desrespeitos à legislações e regulamentações e a direitos; de discussão de propostas e programas de interesse público no contexto de agremiações, coletivos, movimentos e outras instâncias e fóruns de discussão da escola, da comunidade e da cidade (BRASIL, 2016, p.146).

A escola é o espaço onde essas competências devem ser desenvolvidas, ao passo que o aluno deve compreender de que forma esse gênero se organiza, enquanto discurso. Portanto nessa atividade o professor mediador vai esmiuçando, por meio de perguntas aos alunos se já tiveram seus direitos violados de alguma forma. Esse questionamento provocaria a discussão do tema entre os alunos, e possível troca de ideias, situações de determinado fato já vividos por eles. Essa abordagem possibilita que os alunos tragam fatos do seu cotidiano para dentro da sala de aula, contribuindo significativamente para o ensino e a aprendizagem desses alunos. O contexto contribuiria para que os estudantes aprendam a resolver as problemáticas de seu convívio social.

Após a discussão do tema, o professor pode propor que os alunos façam um texto¹⁰ expondo os relatos já vivenciados, no quais seus direitos não foram atendidos ou que foram violados. Esse texto será direcionado ao Procon. É importante nesse momento que o professor não interfira na sugestão de temas. O aluno deve ter autonomia para discorrer sobre o tema que lhe for pertinente para aquele momento. Ao final da produção de texto, seria interessante que os alunos trocassem esses relatos de experiências de forma coletiva. Dessa forma, ocorreria um círculo de debate dentro da sala de aula, situação em que os alunos iriam expor, de fato, sua ideia em torno da situação levantada.

¹⁰ Destaca-se que, dependendo do projeto discursivo do aluno, vários gêneros podem ser acionados, tais como: Carta argumentativa, ofício, denúncia; todos equivalendo à uma reclamação.

A partir das temáticas levantadas pelos alunos nas suas produções textuais, o professor poderá promover uma exposição, na qual a turma poderá apresentar os direitos dos consumidores para a comunidade escolar. Por meio da atividade os alunos irão tirar dúvidas sobre seus direitos e deveres do consumidor junto aos poderes competentes. O professor teria a liberdade para convidar pessoas dos poderes públicos, tais como: diretor regional de ensino, secretaria da educação municipal, professores da educação básica, representantes do PROCON, representante da polícia militar, corpo docente da escola, entre outros, para promover um debate de integração da escola com as instituições públicas. A situação de integração promoveria a produção de textos escritos e orais. Uma segunda proposta para o uso dos quadrinhos é que os alunos produzam uma carta a ser direcionada ao Papai Noel. Nela os alunos irão mobilizar seu poder de argumentação. O objetivo da correspondência é justificar o porquê de ganhar o presente de natal.

Para uma terceira atividade de produção textual com uso das HQs, é possível propor que os alunos criem histórias em quadrinhos. Assim, por meio dos recursos verbais e visual, uma das características dos quadrinhos, os estudantes poderão compor uma narrativa verbo-visual. Nesse sentido a BNCC ressalta a importância dos estudantes "Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e fala de personagens" (2018, p.134). O professor poderá direcionar que os trabalhos ocorram em grupos de dois ou três alunos, proporcionando que, dessa forma, ocorra a interação entre os participantes na condução dos trabalhos.

É importante que nesse momento o professor não interfira na escolha dos temas como modo de não limitar a criatividade que a atividade requer. Os trabalhos poderão ser conduzidos com o professor explicando que esse gênero tem uma forma própria de ser construído. Dessa forma, os alunos deverão explorar ao máximo essas características, como por exemplo, o uso da linguagem verbal e visual, que irão compor as falas dos personagens, os quadros que marcam o ritmo da cena, entre outros elementos. Essa atividade possibilita que os alunos trabalhem tanto a produção escrita e imagética, a leitura e a criatividade.

6.1.4 Eixo de Análise linguística

Geraldi entende por análise linguística a “a recuperação, sistemática e assistemática da capacidade intuitiva de todo falante de comparar, selecionar e avaliar formas linguísticas e a prática de produção de textos como uso efetivo e concreto da linguagem com fins determinados pelo locutor ao falar e escrever” (GERALDI, 1946, p.). Em consonância ao autor os Parâmetros Nacionais Curriculares (BRASIL, 1997) aponta que a análise linguística envolve:

[...] os procedimentos e estratégias (meta) cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os procedimentos de leitura e produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentidos, sejam no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com fortes impactos nos efeitos de sentidos. Assim, no que diz respeito à linguagem verbal oral e escrita, as formas de composição dos textos dizem respeito à coesão, coerência e organização da progressão temática dos textos, influenciadas pela organização típica (forma de composição) dos gêneros em questão. No caso de textos orais, essa análise envolverá também os elementos próprios da fala – como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação, variedade linguística adotada, estilização etc. - , assim como os elementos paralinguísticos e cinésicos – postura, expressão facial, gestualidade etc. No que tange ao estilo, serão levados em conta às escolhas de léxicos e de variedades linguística ou estilização e alguns mecanismo sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, forma e o estilo de gênero (BRASIL, 1997, p. 80).

Para essa concepção de ensino, na qual a variedade linguística deve ser estudada e compreendida em suas inúmeras dimensões linguísticas, o uso e reflexão que se faz no texto é presumidamente necessário, uma vez que os alunos, dentro do âmbito escolar, já estão em contato direto com uma cultura linguística, predominantemente, variada do uso dessa linguagem. Dessa maneira, torna-se indispensável esse aluno a conheça o porquê do uso dos recursos linguísticos e que funções exercem dentro do contexto em que estes são acionados. Dentro dessa ótica, o ensino pode ser desenvolvido por intermédio da atividade epilingüística. Essa atividade, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (PCN 1997):

[...] está voltada para o uso, no próprio interior da atividade linguística em que se realiza. Um exemplo disso é quando, no meio de uma conversa um dos interlocutores pergunta ao outro “O que você quis dizer com isso?”, ou “Acho que

essa palavra não é a mais adequada para dizer isso. Que tal...?”, ou ainda “Na falta de uma palavra melhor, então vai essa mesma”. Em se tratando do ensino de língua, à diferença das situações de interlocução naturais, faz-se necessário o planejamento de situações didáticas que possibilitem a reflexão sobre os recursos expressivos utilizados pelo produtor/autor do texto — quer esses recursos se refiram a aspectos gramaticais, quer a aspectos envolvidos na estruturação dos discursos —, sem que a preocupação seja a categorização, a classificação ou o levantamento de regularidades sobre essas questões (BRASIL, 1998, p.30).

Essa atividade, por sua vez, consiste em uma abordagem que leva em consideração todas as operações exercidas pela linguagem, visando a descrição e análise do texto. Nesse sentido, é de suma importância o papel do professor em ter uma metodologia direcionada para essa atividade dentro da sala de aula, não se restringindo apenas ao ensino tradicional que classifica termos e funções. Por exemplo, é importante que durante uma leitura o professor vá esmiuçando o texto e estimulando os alunos a inferir sentidos que não estejam pré-estabelecidos, mas que colaboram para o sentido do texto de modo peculiar e específico ao uso do recurso de linguagem. Esse tipo de leitura é enriquecedora. É parte fundamental para o desenvolvimento do aluno, porque proporciona a liberdade de construir seu horizonte e suas concepções de uso da língua. A leitura passa a ser significativa. O aluno constrói esse modo de ler o mundo e isso favorece o processo de ensino-aprendizagem.

Desse modo, torna-se necessário, nos dias atuais, que nós, como futuros professores trabalheemos com a perspectiva epilinguística de ensino voltada à leitura e reflexão, não nos resumindo à velha postura do professor constituída pelo ensino tradicional, que trabalha com conceito e respostas prontas e acabadas. É por meio da atividade de reflexão, que o professor leva o aluno a se confortar com determinados fenômenos e usos da linguagem, estimulando-os a mobilizar suas capacidades de falante da língua, com vistas à produção e explicação dos fenômenos de linguagem. A diante, na próxima seção, propomos um trabalho reflexivo com a análise linguística.

6.1.5 Proposta de análise linguística

Para as atividades de análise linguística, sugere-se que o professor conduza os alunos a refletir sobre a própria escrita, ou seja, na confecção dos textos produzidos pelos próprios alunos. É importante que os alunos reconheçam as funcionalidades linguísticas, assim como, as operações discursivas construídas na elaboração do texto argumentativo, sua organização,

forma composicional e estilo, enfim, com o gênero se organiza enquanto enunciado. É necessário que os alunos tenham o conhecimento que o gênero produzido ao Proncon é acionado quando o cidadão se sente ameaçado ou tem seus direitos lesados. Assim a produção escrita deve se constituir por meio de registro de reclamação direcionada ao órgão competente, observando como os elementos linguísticos são acionados para constituir a argumentação.

E esse registro obedece ao uso da linguagem formal, texto curto e objetivo, no qual o sujeito deve se identificar, ou seja, cada linguagem pode ser inicialmente analisada a partir de suas especificidades, mas é importante que, ao final, apresente as articulações que fazem com que o gênero em questão se materialize como um texto, um todo de sentido, sendo interessante o professor demonstrar aos alunos que os gêneros textuais são utilizados no cotidiano social.

Uma vez que “as intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos” (BRASIL, 1997, p.23), compreender o modo que as práticas discursivas se estruturam, auxiliam no processo de aprendizagem, quando aos alunos base de como mobilizar tais recursos no texto. Assim, de acordo com o estudo da estrutura do texto o aluno pode acionar os recursos linguísticos específicos para cada tipo textual. Portanto cabe ao professor, dinamizar os trabalhos pedagógicos, em torno da análise linguística, mas esse processo não deve ocorrer somente com a condução do professor. É preciso que haja a interação dos alunos envolvidos nesse processo, interessados em aprender.

A segunda proposta é constituída a partir da análise dos quadrinhos Turma da Cabeça Orca, do cartunista Christie Queiroz. Por meio desse quadrinho o professor poderá explorar os aspectos de coesão e coerência textual, nas aulas de língua portuguesa, como subsídio pedagógico para ensino dos articuladores textuais nesse gênero e também em outros de caráter argumentativo. Trabalho com as narrativas desse gênero. Chagas (2007) define que:

A coerência apresenta-se como um princípio de interpretabilidade do texto, envolvendo fatores de ordem cognitiva, interacional e linguística. Este princípio se relaciona à boa estrutura do texto, estabelecendo a partir de uma unidade de sentido o que a caracteriza como ato global, ou seja, refere-se ao texto como um todo. Por outro lado, a coesão é basicamente quando o falante utilizará certos sinais linguísticos no texto com o objetivo de dar pistas para ajudar os interlocutores a chegar a uma representação mental adequada. Este uso de meios linguísticos para facilitar a coerência pode ser definido como coesão textual. Assim, um sinal de coesão indica como a parte do texto na qual ele aparece se liga conceitualmente a outra parte do texto (CHAGAS, 2007, p. 215).

Para o autor, coesão e coerência estão diretamente ligadas entre si, uma vez que a coesão é a união entre as partes do texto, com o uso de conectivos, sendo que quando o texto segue uma lógica de ideias, encadeamentos linguísticos entre as sentenças, resultando na coerência. Essa união corrobora para deixar o texto conciso e bem articulado entre as partes e o todo, ou seja, que tenha sentido. Para essa proposta serão utilizadas as tirinhas abaixo:



Fonte: Jornal do Tocantins, 4 de dez. 2018.



Fonte: Jornal do Tocantins, 5 de dez. 2018.



Fonte: Jornal do Tocantins, 11 de dez. 2018.

Nos quadrinhos podemos perceber que a narrativa segue um encadeamento de ideias, uma vez que a personagem começa relatando seu enorme desejo de ganhar sua lista de presentes no natal. Esse relato está de forma sequenciada, ao passo que ao terminar de ler um quadro, podemos rapidamente seguir com a leitura do quadro seguinte. Há uma organização de ideias, as sentenças não se contradizem, elas se relacionam e complementam significativamente. Dessa forma, nessa atividade, no que se refere ao ensino de língua

portuguesa, o professor poderá explorar os recursos lexicais das narrativas dos quadrinhos, isto é, os conectivos que estabelecem o elo entre as sequências semânticas no texto. De acordo com os PCNs (1998), uma das atividades importantes no âmbito escolar está relacionada à possibilidade em o docente criar situações que os sujeitos envolvidos possam se desenvolver por meio do contato com os diversos gêneros, assim como metodologias que propicie esse uso.

O estudo das funções que os conectivos “que, com, quanta, e, por, então, isso, nem, já, como, essa, mesmo, para, se, para”, entre outros, constroem no texto aprofunda o olhar dos estudantes para a função que os termos realizam nos enunciados. Eles colaboram tanto para a progressão das ideias quanto para a articulação das partes do texto. A análise linguística pode mapear e identificar as classificações gramaticais dos vocábulos, aprofundando o que cada palavra tem por função gramatical ao ser acionada no texto. Além disso, é possível trabalhar com os alunos o papel / função e significado que elas têm na frase do texto, inclusive o sentido que constroem na narrativa para a organização de ideias.

Esse capítulo teve como objetivo produzir e propor algumas propostas para o trabalho do professor na escola, valendo-se das tiras em quadrinhos coletadas no *Jornal do Tocantins*. O estudo possibilita que os gêneros jornalísticos mediáticos possam ser pensados e problematizados na escola. A proposta contempla os eixos da leitura, oralidade, produção de texto e análise linguística / semiótica como forma de tornar possível o uso dos quadrinhos com recurso metodológico para o ensino de língua portuguesa na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o trabalho com os diversos gêneros dentro do âmbito escola, em especial, o gênero HQs, foco do nosso trabalho, torna-se imprescindível para a construção de conhecimento e do senso crítico dos alunos. Sabe-se que tal trabalho, assume uma parcela de complexidade no que diz respeito ao direcionamento das atividades que podem ser exploradas por meio desse gênero midiático. Para isso, os documentos oficiais, PCNS (1998), e BNCC (2018) enfatizam que o texto deve ser a base para que esses gêneros sejam estudados e apropriados pelos alunos em suas múltiplas dimensões.

O estudo dos gêneros é importante para que o indivíduo possa compreender os diversos sentidos que a linguagem constrói socialmente, pois uma vez ou outra passam despercebidos durante a vida cotidiana. Na leitura do gênero HQ, percebeu-se que a linguagem verbal/visual caminham juntas para produzir sentidos, o que implica ao leitor ser capaz de analisar ambas as linguagens, tendo competências e habilidades para compreender e discutir conteúdos diversos e, assim, construir o conhecimento.

Dessa forma, nesse trabalho procurou-se mostrar ao leitor a importância do trabalho didático pedagógico em torno do gênero HQs, no qual possa ser explorada a leitura, a oralidade, a produção textual e a análise linguística. Pôde-se compreender que esses quatro pilares devem sempre andar juntos. Desse modo, atingiu-se o objetivo da pesquisa em encontrar caminhos para o trabalho com o gênero HQ.

Notou-se que o gênero HQs pode ajudar no desenvolvimento e formação de alunos mais críticos, com habilidades de interpretar diferentes linguagens, não somente nas temáticas que o gênero traz, mas também a assuntos universais ao gênero relacionados. O aluno aprimorará seus conhecimentos e se tornará um leitor mais atento aos sentidos estéticos (visuais) e verbais. Ou seja, este não somente apreenderá a produzir sentidos no texto, mas também conseguirá inferir e desenvolver seus pontos de vista por meio da oralidade, da escrita, e da análise da língua, assumindo uma posição mais crítica de leitura.

O objetivo de construir uma proposta didática para o trabalho com gênero história em quadrinhos. Foi realizada. Espera-se que o professor, ou futuros professores de língua portuguesa, tenham curiosidade e explorem a multiplicidade que o trabalho com o gênero discursivo HQs pode proporcionar, enquanto mediador do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação: Referências. Rio de Janeiro, 2003.

ALVES, R. **Alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papirus; Rubem Alves M.E., 2000

BARBOSA, Anderson Wagner Silva. **Entre as capas e as máscaras**: Uma análise historiográfica sobre a HQ crise de identidade. 2014. 70 f. monografia (Licenciatura plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba, campina Grande, PB, 2014.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

Congresso. Câmara. **Projeto de lei n. 6060, de 2009**. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://www.câmara.leg.br/fichade tramitação>>. Acesso em 15 de abr. 2020.

_____. **PNLD 2017**: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017. 98 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BONINI, Adair. Mídia/ suporte e hipergênero: Os gêneros textuais e suas relações. **Rev. bras. linguist. Apl**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198463982011000300005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 abr 2020.

_____. Adair. Os gêneros do Jornal: Questões de Pesquisa e ensino. In: **gêneros textuais: reflexão e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CELINSKI, Giovana Montes.; SKURA, Ivania. Mídia impressa, comunicação e história: breves considerações e aproximações. **Rev. temática**. Curitiba, n. 06, p. 30-39, jul. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/temática>>. Acesso em: 10 maio 2020.

BORGES JÚNIOR, Carlos. Concepções e Práticas de Leituras na Escola. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 10, n. 23, 80-101, out, 2017.

BORGES JÚNIOR Carlos, RUIZ, Tânia. Perspectivas para o ensino de línguas. **Revista**. 5, p. 22-34, out, 2020.

EISNER, will. **Comics & Sequential Art**. 1. Ed. São Paulo: Livraria Martins Fortes Editora LTDA, 1989.152p.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. In:___ (Org.) jornalismo: história e metodologia. Porto: UFP, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010. M.

LOVETRO, José Alberto. Quadrinhos além dos Gibis. **Salto para o Futuro**, Rio de Janeiro: Tv Escola, v. 01, p. 15-20, abr. 2011.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso com fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. 2015.12f. 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.ufgs.br/alcar2015>. Acesso em: 02 maio 2020.

MENDONÇA, Rosa Helena. Histórias em Quadrinhos: Um Recurso de Aprendizagem. **Salto para o Futuro**, Rio de Janeiro: Tv Escola, v. 01, p.4, abr. 2011.

MASCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: configuração, Dinamicidade e Circulação**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; K.S. (Orgs). 4 ed. São Paulo: parábola, 2011. 200 p.

NUNES, João. **Textos do código de ética/parte 3**. Disponível em: <http://lagartonegroblog.blogspot.com/2010/03/texto-dos-codigos-de-etica-parte-3.html>. Acesso em: 13 jul. 2020. <http://>

RODRIGUES, Roger Viana. **Os Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial: a guerra como elemento dinamizado da economia norte-americana**. 2011. 88 f. monografia (Em economia) UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2011.

SANTOS, Mariana d. Oliveira.; GANZAROLL, Maria Emilia. Historia em quadrinho: formando leitores. **TransInformação**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 63-75, fev. 2011.

SILVA, Alan Milhomem .; ROCHA, Liana Vidigal Florianópolis. **Jornal do Tocantins: da Produção Impressa a Redação Integrada**. XII Simpósio de comunicação da região tocantina, Imperatriz, v. 6, n. 1, p. 1-14, dez. 2018. Disponível em: < <http://www.simcom.ufma.br/wp-content/uploads/2018/11/Jornal-do-Tocantins-da-Produ%C3%A7%C3%A3o-Impressa-a-Reda%C3%A7%C3%A3o-Integrada.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2020.

SANTOS, Allaisa de Santana.; NETO, Aureliano Quinto de Sousa.; CONCEIÇÃO, Lucas Erick de Aquino. **O jornalismo impresso brasileiro e as novas tecnologias: Perspectivas e**

inovações. Intercom-Sociedade Brasileira de estudos intermediário da comunicação, Curitiba, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0397-1pdf>>. Acesso em: 30 abr 2020.

CHAGAS, Carmem Elena, Cognição e texto: a coesão e a coerência textuais. **Ciências & Cognição**, v. 12 n. 214-218, dez, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>> Acesso em: 18 março 2021.

SILVIA, Lilian Lopes Martin da.; FERREIRA, Norma Sanda de Almeida.; MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Autores Associados LTDA, 2014. (coleção formação de professores).

SUASSUNA, Livia. **Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola: Atividade linguística, epilinguística e metalinguística**. São Paulo. Editora Autêntica. p.17.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Manual de Normalização para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos- Científicos da Universidade Federal do Tocantins**. Palmas: UFT, 2017

VERGUEIRO, Waldomiro.; SANTOS, Roberto Elísio. História em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria a pratica. **Eccos**, São Paulo, v.3, n.27, p. 81-95, Jan./ abr. 2012.

_____. Histórias em quadrinho e serviços de informações: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 13, abr.2005.

_____. (Org.). **Uso das HQS no ensino**. Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula, São Paulo: 30 p. contexto, 2004.

PEREIRA, A. R., RODRIGUES, H. R et. al. In: SILVA, W. R.; LIMA, P.; MOREIRA, T. M. (Orgs). **Gêneros na prática pedagógica: diálogos entre escolas e universidades**. 1ed. São Paulo: Pontes, 2016, p. 25-74.

PIETROFORTE, A. V.S PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação). Séries saberes pedagógicos.

SOUSA, Mauricio; QUEIROZ, Cristie. Quadrinhos edição. Nº 7578, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 30 dez. 2018.

_____, Quadrinhos edição. Nº 7577, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 29 dez. 2018.

_____, Quadrinhos edição. Nº 7576, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 28 dez. 2018.

_____, Quadrinhos edição. Nº 755, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 27 dez. 2018.

_____, Quadrinhos edição. Nº 7574, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 26 dez. 2018.

- _____, Quadrinhos edição d. Nº 7573, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 25 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição d. Nº 7572, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 23 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição d. Nº 7571, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 22 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição d. Nº 7570, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 21 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição d. Nº 7569, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 20 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição d. Nº 7568, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 19 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição Ed. Nº 7567, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 18 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7566, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 16 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7565, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 15 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7564, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 14 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7563, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 13 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7562, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 12 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7561, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 11dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7560, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 9 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7559, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 8 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7558, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 7 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7557, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 6 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7556, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 5 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7555, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 4 dez. 2018.
- _____, Quadrinhos edição. Nº 7554, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 2 dez. 2018.

_____, Quadrinhos edição d. Nº 7553, Palmas. **Jornal do Tocantins**. 1 dez. 2018.

TOCANTINS. Referencial curricular do ensino fundamental das escolas públicas do Estado do Tocantins: **Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano**. 2. ed. Palmas: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 2008. 281 p.

ROCHA, Liana Vidigal.; SOARES, Sergio Ricardo.; ARAUJO, Valmir Teixeira. Abrangências Locais no Jornalismo Online do Tocantins. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS, São Caetano do Sul, v. 15, n. 29, p. 171- 185, jul-dez. 2014. Disponível em:<https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2866>. Acesso em: 11 maio 2020.

ANEXOS

